

JORGE ZAHAR EDITOR

Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro



MADU GASPAR

Descobrimos o Brasil

MaDu Gaspar

**Sambaqui:
Arqueologia do Litoral
Brasileiro**

Segunda edição

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Copyright © 2000, MaDu Gaspar

Copyright desta edição © 2004:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação,
no todo ou em parte, constitui violação
de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Carol Sá e Sérgio Campante
Ilustração da capa: Materiais encontrados em sambaquis
no Rio de Janeiro. Foto de Beto Barcellos
Vinheta da coleção: ilustração de Debrer

Composição eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda.
Impressão: Cromosete Gráfica Editora

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Gaspar, MaDu
G232s Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro / MaDu
2.ed. Gaspar. — 2.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004
: il. — (Descobrimos o Brasil)

Inclui bibliografia
ISBN 85-7110-530-8

1. Brasil – Antiguidades. 2. Sambaquis – Brasil. I.
Título. II. Série.

03-2595

CDD 981
CDU 94(81)

Sumário

Introdução	7
Breve história da pesquisa em sambaqui	11
A ocupação do litoral brasileiro	30
Tipo de ocupação: nômades ou sedentários?	42
Tempo de ocupação dos sambaquis	44
Tecnologia, arte e domínio do mar	48
Sambaquis próximos, moradores vizinhos	56
Atividades nos sambaquis e indícios de mudança social	61
Ritual funerário	68
Organização social: bando, tribo ou chefia?	71
<i>Cronologia</i>	80
<i>Referências e fontes</i>	83
<i>Sugestões de leitura</i>	86
<i>Agradecimentos</i>	88
<i>Sobre a autora</i>	89
<i>Ilustrações (entre p.48-49)</i>	

Créditos das ilustrações

1. Sambaquis da Figueirinha-I e II, SC. Foto da autora.
2. Destruição do sambaqui Pernambuco-II. Foto de 1953, extraída de *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, vol.IX, de J. Bigarella, G. Tiburtius e A. Sobonski.
3. Plataforma feita de conchas. Foto da autora.
4. Lagoa do Camacho. Foto da autora.
5. Materiais encontrados em sambaquis do Rio de Janeiro. Foto de Beto Barcellos.
6. Rocha para preparar lâminas. Foto da autora.
7. Acompanhamento funerário. Foto da autora.
- 8 e 9. Esculturas feitas em pedra. Coleção Padre Rohr, IPHAN, SC. Foto Peter Pillés e Paul Fish.
- 10 e 11. Escultura representando homem. Exposição do Museu Nacional, RJ. Fotos de Beto Barcellos e Paulinho Muniz (publicada em *Ciência Hoje das Crianças*).
12. Mortos em posição fetal. Foto da autora.
13. Sepulturas. Foto da autora.
14. Início da escavação do Jabuticabeira-II. Foto da autora.
15. Arqueólogo expondo esqueleto. Foto da autora.
- 16 e 17. Registro de informações. Foto da autora.

Introdução

A arqueologia é a ciência que estuda as culturas a partir do seu aspecto material, construindo suas interpretações através da análise dos artefatos, seus arranjos espaciais e sua implantação na paisagem. Em seus primórdios, concentrava-se principalmente no estudo de grupos pré-históricos e dedicava-se especialmente à formação de coleções que constituíram os importantes museus de história natural. Os objetos eram escolhidos devido ao seu apelo estético e por remeterem a culturas distantes no tempo ou no espaço.

Atualmente, o campo de estudo da arqueologia não está mais demarcado pelo surgimento da escrita, tendo se voltado também para a análise de sociedades históricas. No Brasil, inclui entre os seus temas de interesse aspectos do modo de vida da corte portuguesa no Rio de Janeiro, da vida nos quilombos e nas aldeias indígenas. Incorpora desde informações advindas de documentos escritos e da tradição oral até dados provenientes da cultura material. De forma inovadora e criativa, constrói uma interpretação que

desvenda interessantes aspectos do cotidiano dos segmentos sociais estudados.

Entretanto, o investimento maior dos pesquisadores brasileiros tem sido no estudo de culturas pré-históricas. Esse interesse vem da época do Império, quando importante trabalho científico foi realizado pelo paleontólogo dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-80). Suas pesquisas na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, coincidem com o momento em que se discutia a antigüidade da humanidade. Com suas descobertas, inaugurou um tema de referência para a arqueologia brasileira. Trata-se da antigüidade da ocupação de nosso território e da coexistência de grupos humanos com a fauna extinta. Até hoje, um acalorado debate envolve a comunidade de arqueólogos. Alguns propõem que o Brasil já se encontrava ocupado há mais de 40 mil anos, porém apenas datas mais recentes são amplamente aceitas; considera-se que a referência cronológica para o início da ocupação do território brasileiro seja de 12 mil anos.

A pesquisa arqueológica brasileira tem se dedicado também ao estudo sistemático da ocupação da costa por pescadores e coletores que se instalaram na faixa litorânea por volta de 6.500 anos AP*. O principal ves-

* AP significa "antes do presente", que, por convenção, é 1950. Trata-se de uma menção à descoberta da técnica de datação através do Carbono 14, que se deu em 1952. Assim,

tígio desse grupo é um tipo de sítio denominado *sambaqui*, tema de interesse científico desde a segunda metade do século passado. Sambaqui é uma palavra de etimologia Tupi, língua falada pelos horticultores e ceramistas que ocupavam parte significativa da costa brasileira quando os europeus iniciaram a colonização. *Tamba* significa conchas e *ki* amontoado, que são as características mais marcantes desse tipo de sítio. Trata-se de denominação amplamente utilizada pelos pesquisadores e que denota a capacidade de observação e síntese dos falantes Tupi.

Os sítios são caracterizados basicamente por serem uma elevação de forma arredondada que, em algumas regiões do Brasil, chega a ter mais de 30m de altura (Fig.1). São construídos basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixe e mamíferos. Ocorrem também frutos e sementes, sendo que determinadas áreas dos sítios foram espaços dedicados ao ritual funerário e lá foram sepultados homens, mulheres e crianças de diferentes idades. Contam igual-

o evento mencionado ocorreu 6.500 anos antes de 1950. As referências cronológicas obtidas através de métodos físicos são sempre acompanhadas de suas respectivas margens de erro, que são expressas com o sinal positivo e o negativo ($\pm$). Para muitos o nascimento de Cristo é a principal referência cronológica e o tempo é dividido entre antes e depois de Cristo. A data mencionada acima equivale a 4.550 anos a.C.

mente com inúmeros artefatos de pedra e de osso, marcas de estacas e manchas de fogueira, que compõem uma intrincada estratigrafia. Os restos que mais sobressaem na composição dos sambaquis são as conchas de berbigão ou vôngole, cujo nome científico é *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1971), diferentes espécies de ostras, a almejoa ou *Lucina pectinata* (Gmelin, 1971) e os mariscos.

Sambaqui é o objeto deste livro, que pretende apresentar o modo de vida dos pescadores, coletores e caçadores que ocuparam o litoral brasileiro. Para melhor entendimento do tema serão apresentadas as diferentes maneiras como este tipo de sítio foi historicamente percebido pela pesquisa científica. Inicialmente ele foi considerado um fenômeno natural tal como os concheiros, depois foi entendido como um local de descarte de restos de cozinha de bandos de coletores e, atualmente, é considerado o resultado de ordenado trabalho social que tinha por objetivo, entre outras coisas, construir um imponente marco paisagístico.

Para compor o quadro de referência, serão também apresentadas as estratégias de obtenção de recursos dos sambaquieiros, a partir das informações relacionadas com a implantação na paisagem e decorrentes do estudo das indústrias. Forma, dimensão, conteúdo e arranjo espacial dos sítios serão articulados para reconstruir a paisagem social da época. A análise das datações radiocarbônicas fornecerá a indispensável di-

mensão temporal. Como as pesquisas atuais caracterizam os sambaquieiros como uma sociedade muito mais complexa do que havia sido proposto até a década de 80, especial atenção será dada ao ritual funerário, que é extremamente elaborado, e à arte em pedra, que produziu esculturas de impressionante beleza.

Desde o início da arqueologia brasileira a ocupação do litoral tem despertado a atenção de pesquisadores, sendo significativo o interesse científico pelo estudo desse tipo de sítio arqueológico. Um levantamento recente indica que, entre teses, artigos e apresentações em congressos, mais de mil títulos sobre o tema estão disponíveis. É um grande investimento, principalmente se levarmos em conta que a arqueologia brasileira teve um desenvolvimento tardio e que são restritos os meios de divulgação. O projeto pioneiro de arqueologia, segundo os moldes da pesquisa moderna, foi implantado em meados da década de 60. Porém, apesar da dedicação dos estudiosos, vários aspectos da sociedade sambaquieira permanecem encobertos sob o véu do excessivo empirismo que ainda caracteriza a disciplina.

Breve história da pesquisa em sambaqui

Em seu início (1870-1930), a arqueologia brasileira caracterizou-se por uma grande efervescência. Os te-

mas investigados eram os achados de Lagoa Santa, os sambaquis do sul do país e as culturas do baixo Amazonas. A questão que orientava o estudo dos sambaquis era estabelecer se os sítios eram decorrentes de fenômenos naturais ou artificiais. A primeira tendência, denominada comumente de “naturalista”, considerava que os sambaquis eram resultados do recuo do mar e da ação do vento exercida sobre as conchas lançadas à praia. A presença de inegáveis vestígios humanos, como esqueletos, era explicada como resultado de naufrágios. Já os “artificialistas” sustentavam que eram resultado da ação humana e propunham diversas explicações sobre o acúmulo de restos faunísticos. A indolência atribuída aos indígenas foi acionada para explicar o comportamento do grupo pré-histórico: a preguiça teria sido a conduta que os levou a acumular restos de comida.

O debate era acalorado e tinha ampla repercussão. Lima Barreto, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, descreveu a formação de sambaquis, e o imperador Pedro II acompanhou escavações realizadas em São Vicente, assistindo à retirada de esqueletos. O Museu Nacional, sob a direção de Ladislau Neto, enviou várias missões ao litoral sul brasileiro, resgatando inúmeros objetos de sambaquis que estavam sendo destruídos. Com a realização de pesquisas em vários sítios e a descoberta de muitos indícios de atividade humana, a corrente “naturalista” perdeu totalmente a sua

força. Porém, até a década de 1940, alguns pesquisadores ainda discutiam a origem dos sambaquis.

Como decorrência de achados nitidamente relacionados com a ação humana, surge a corrente “mista”, que percebe os sambaquis como uma combinação de elementos naturais e humanos. Muitos pesquisadores, como Roquete Pinto, que integravam a corrente “naturalista” passaram a apoiar a “mista”. Trata-se de uma perspectiva bastante atual, muito embora não tenham sido feitas reflexões sobre os processos naturais que auxiliaram a formação dos sítios. Uma versão dos princípios delineados pelos naturalistas ainda tem respaldo no senso comum. Muitas pessoas acreditam que os sambaquis são a prova cabal da subida das águas ocasionada pelo dilúvio — já que esta seria a única explicação possível para a concentração de conchas e ossos de peixe em locais relativamente distantes do mar —, como se o sambaqui fosse uma espécie de “ralo” do mundo.

A corrente “artificialista” reúne duas maneiras distintas de perceber os sambaquis, e elas até hoje norteiam as pesquisas. A primeira considera que os sambaquis, devido à grande quantidade de restos faunísticos que os compõem, são o resultado da acumulação casual de restos de cozinha. A outra, em decorrência da presença de muitos sepultamentos, supõe que são monumentos funerários. As distintas maneiras de perceber os sítios apontam para funções diferenciadas

dos assentamentos: a idéia que está por trás da primeira vertente é que o sambaqui era local de moradia e, da segunda, que era cemitério.

Apesar de o foco do debate ter sido a natureza da formação dos sambaquis, algumas importantes contribuições já despontavam desde o final do século: observações pontuais sobre o processo de formação dos sítios, implantação ambiental, composição, cronologia, subsistência e características físicas da população. Alguns desses temas são atuais e foram sistematizados recentemente, outros foram totalmente descartados. Uma das principais questões que dominavam as ciências sociais entre o final do Império e a I Guerra Mundial dizia respeito à diversidade da espécie humana. A noção de “raça”, posteriormente descartada como categoria científica, foi plenamente incorporada pela arqueologia e pela antropologia física brasileiras. Foram os estudos sobre “raça” que resultaram na criação da categoria “Homem de Lagoa Santa”, que tinha sua correspondente no litoral denominada “Homem de Sambaqui”. A tríade era completada com os “Boto-cudos”, índios levados para exibição e análise na Europa no final do século XIX. Essa linha de pesquisa desembocou em uma produção extremamente descritiva, voltada para a caracterização de tipos humanos, e só recentemente foi substituída por pesquisas que enfocam o modo de vida de grupos pré-históricos e a genética de populações antigas. Por outro lado, os

estudos que correlacionam a implantação dos sítios, especialmente no que se refere à distância da linha de costa atual, com a cronologia de ocupação dos sambaquis foram inúmeras vezes retomados e ainda são objeto de discussão.

Um desdobramento da corrente “naturalista” resultou ainda em importantes contribuições para o entendimento dos sambaquis. A idéia inicial de que os sambaquis eram resultado da ação de forças naturais é substituída pela noção de que os sítios demarcam processos naturais, ou seja, de que são um bom indicador para estabelecer a variação do nível do mar durante os últimos 10 mil anos. As reflexões remontam ao início do século, com os estudos de Ricardo Krone (1908) no vale do Ribeira. Para ele, os sambaquis antigos estavam mais afastados da costa atual, neles predominando as ostras, ao passo que os mais modernos situavam-se próximos do litoral, sendo compostos basicamente de conchas de berbigão. Krone propôs, assim, de maneira pioneira, que a linha da costa não era estável e sugeriu que os sítios poderiam auxiliar no estabelecimento da variação do nível do mar. Esses estudos tiveram desenvolvimento significativo, a partir da década de 70, com as pesquisas voltadas para o entendimento da evolução costeira.

Os geomorfólogos, por saberem que a base da dieta dos sambaquieiros eram os alimentos procedentes do mar, acham que esse grupo vivia próximo à linha

da costa. Dessa forma, a distribuição espacial dos sítios, tanto à beira-mar como a quilômetros de distância, informaria sobre os movimentos costeiros. Trata-se de um indicador discutível para alguns estudiosos, mas, independente disso, as pesquisas trouxeram importantes resultados para a arqueologia. Datações radiocarbônicas de amostras provenientes de sambaquis, apesar de não terem sido coletadas segundo os princípios da pesquisa arqueológica, fornecem um importante referencial sobre o período de construção dos sítios. Por outro lado, a análise da evolução costeira tem resultado também em uma indispensável reconstituição ambiental, permitindo que se tenha uma noção da feição dos locais escolhidos pelos sambaquieiros para erigir os sítios. As alterações que ocorreram no litoral brasileiro após a década de 60, como construção de estradas, surgimento de cidades de grande porte, drenagem de amplas áreas e outras drásticas intervenções, alteraram totalmente a paisagem e, sem um estudo detalhado de caracterização do paleoambiente, é impossível saber quais os critérios que orientaram os sambaquieiros na escolha de locais de construção dos sítios.

Até a década de 1950, a pesquisa em sambaquis caracterizava-se por trabalhos pontuais que não permitiam o entendimento da ocupação litorânea. Colecionadores publicaram algumas notas sobre achados; foram realizadas algumas escavações em São Pau-

lo; uma primeira síntese, apoiada no estudo de várias coleções e sítios, foi delineada pelo arqueólogo argentino Antonio Serrano. No primeiro manual de arqueologia brasileira, publicado em 1934, a referência aos sambaquis limita-se a reportar o debate entre as diferentes correntes, apesar da impressionante dimensão dos sítios e da riqueza e diversidade dos materiais recuperados.

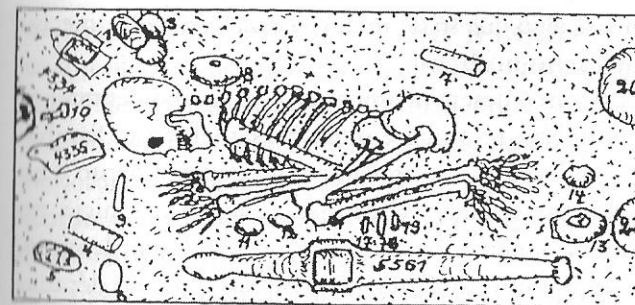
As pesquisas de arqueologia consideradas modernas começaram na década de 50, quando foram obtidas as primeiras datações radiocarbônicas e feitas as primeiras análises sistemáticas de sítios. Importantes pesquisadores franceses e americanos, como Anette Emperaire, Joseph Emperaire, Alan Bryan e Wesley Hurt, vieram ao Brasil estudar os dois grandes temas da arqueologia brasileira e colaboraram na formação de especialistas locais. Ao mesmo tempo, pesquisadores brasileiros também dedicaram-se a entender a ocupação do litoral: Castro Faria, do Museu Nacional, escavou o enorme sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina; Paulo Duarte, do Instituto de Pré-História de São Paulo, trabalhou em sítios do litoral paulista; e Loureiro Fernandes, da Universidade do Paraná, analisou os do Paraná. Os grandes sambaquis do litoral catarinense e as esculturas em pedra e em osso eram os temas preferencialmente abordados.

É também nessa década que a intelectualidade brasileira dá início a um intenso movimento visando

proteger os sambaquis, que desde o século XVI vinham sendo destruídos sistematicamente, já que as conchas eram utilizadas para a fabricação da cal (Fig.2). O empenho de Castro Faria, J. Loureiro Fernandes e Paulo Duarte resultou na promulgação, em 1961, da lei que protege os sítios arqueológicos brasileiros. A partir de então, o padre Alfredo Rohr inicia uma severa campanha de preservação dos sambaquis de Santa Catarina, e até hoje a sua perseverante atuação é lembrada pelos mineradores de conchas.

A década de 1960 caracteriza-se pelo fortalecimento das instituições de pesquisa e conta também com contribuições significativas de amadores, com destaque especial para o trabalho sistemático de Guilherme Tiburtius, que acompanhou o desmonte de vários sambaquis e formou a magnífica coleção de objetos que atualmente integra o Museu do Sambaqui de Joinville, criado especialmente para recebê-la. Além dos artefatos, Tiburtius deixou inúmeros croquis que mostram a disposição de objetos encontrados. Alguns desses desenhos são, até hoje, as únicas informações existentes sobre certas estruturas (ver página seguinte).

Sua contribuição é inegável mas, infelizmente, Tiburtius foi vítima da discriminação sofrida pelos amadores quando começou o processo de profissionalização dos pesquisadores. Em um momento em que não



Sepultamento com elaborada parafernália ritual que inclui várias esculturas em pedra. Croquis de Guilherme Tiburtius.

havia diferenças significativas entre “profissionais” e “amadores”, a categoria de “arqueólogo profissional” foi construída no bojo da campanha de proteção dos sítios e em oposição aos “amadores”. Abriu-se aí um abismo entre arqueólogos e interessados em desvendar o passado. “Amadores” foram proibidos de continuar o trabalho de coleta de dados, e sítios foram totalmente destruídos sem que houvesse qualquer tipo de registro. Por outro lado, os “arqueólogos” desenvolveram uma linguagem restrita à comunidade científica, sem qualquer compromisso com a divulgação dos resultados de pesquisa para a sociedade brasileira. Outros países resolveram o conflito entre profissionais e amadores de maneira mais criativa, atraindo o interesse da população, que auxilia na fiscalização de sítios arqueológicos, participa em pesquisas e financia estudos. Em contrapartida, há todo um empenho em traduzir o conhecimento para um público

maior, algo que só no início da década de 90 começou a ser feito no Brasil.

Com o desenvolvimento das pesquisas, lentamente ampliou-se o número de sítios analisados. Sambaquis são escavados no Paraná, no Espírito Santo e no Recôncavo Baiano. O dentista Sales Cunha inicia, no Rio de Janeiro, os trabalhos de patologia dentária, inaugurando uma linha de pesquisa que, nas décadas seguintes, apresentaria contribuições importantes sobre o modo de vida dos sambaquieiros. A Amazônia tornou-se objeto de estudo de Betty Meggers e Clifford Evans, casal de americanos que tem importância capital na arqueologia brasileira. Acumulou-se conhecimento e, a partir de 1965, a disciplina passou por uma significativa renovação. Dois grandes projetos foram traçados e tiveram grande repercussão na maneira de fazer arqueologia no Brasil, deixando profundas marcas tanto no que se refere à perspectiva teórica e metodologia adotadas quanto à sociabilidade entre profissionais. Trata-se do Programa Nacional de Pesquisa (Pronapa), iniciado em 1965 e coordenado por Clifford Evans e Betty Meggers, e da Missão Franco-Brasileira, criada em 1973 e coordenada por Anette Laming-Emperaire.

O Pronapa, apoiado pelo Smithsonian Institution e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que esteve ativo até 1970, teve como objetivo principal traçar uma visão geral

da ocupação do território nacional. A Missão Franco-Brasileira, criada por convênio entre o Centre National de la Recherche Scientifique, da França, o Museu Nacional e a Universidade Federal de Minas Gerais, concentrou-se na região de Lagoa Santa, estudando os antigos caçadores e as pinturas e gravuras feitas nas cavernas e paredes.

Esses dois projetos tiveram papel preponderante na estruturação institucional e intelectual dos arqueólogos brasileiros. O Pronapa incorporou arqueólogos já formados ou em formação em quase todos os estados, criando, assim, uma ampla rede de pesquisadores no território brasileiro. A filiação a um dos programas, ou o não-alinhamento, era o divisor de águas durante esse período.

O Pronapa estava voltado para a criação de uma seqüência cronológica da ocupação do território brasileiro, e a atenção dos pesquisadores recaiu principalmente em sítios cerâmicos. Já a Missão Franco-Brasileira dedicou-se ao estudo sistemático de regiões de Minas Gerais e, mais tarde, do Piauí. Os sambaquis, em certo sentido, ficaram à margem do interesse acadêmico durante esse período. Não era um tema privilegiado pelos coordenadores da Missão Franco-Brasileira, embora no passado os pesquisadores tivessem apresentado importantes contribuições sobre o assunto. Em decorrência da estratégia de pesquisa adotada

pelo Pronapa, só no Paraná e Rio de Janeiro o estudo de sambaquis teve algum destaque.

Pesquisas foram desenvolvidas paralelamente aos dois grandes projetos, sendo também fortemente influenciadas pela perspectiva difundida pelo Pronapa, preponderante até o final da década de 80. Não havia qualquer tipo de debate sobre a maneira de abordar sítios volumosos como os sambaquis. Até mesmo pesquisadores não filiados ao programa consideravam pequenas sondagens suficientes para obter uma amostragem representativa desse tipo de sítio. Em alguns trabalhos, parece mesmo que o objetivo era analisar o material procedente da escavação sem que houvesse qualquer tipo de reflexão sobre a relação entre a coleção recuperada e a totalidade do sítio. O esquema interpretativo sustentava que as diferentes camadas que integram os sambaquis eram os restos de sucessivos episódios de ocupação por parte de bandos de coletores nômades e que os moluscos eram a base de sua dieta alimentar.

A principal preocupação da arqueologia brasileira até o final da década de 80 foi estabelecer mudanças culturais através do tempo. A disciplina era marcada pela criação de inúmeras fases e tradições, instrumentos conceituais para delimitar transformações sociais consideradas importantes. Como esse sistema prevaleceu por mais de duas décadas, a abordagem de sítio e o esquema interpretativo praticamente confundi-

ram-se com a maneira de fazer arqueologia. As diferenças observadas nos artefatos e na composição faunística das camadas que integram os sambaquis foram consideradas evidências de diversidade cultural associadas às camadas de ocupação. A evolução costeira ditada pela oscilação do nível do mar forneceu a amarração ambiental para elaboração dos esquemas interpretativos, em um momento no qual ainda não estavam disponíveis estudos regionais sistemáticos sobre as mudanças que ocorreram na costa brasileira. Apoiando-se em análises de sítios isolados no espaço — pontos distantes do litoral, tal como no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul —, foram criadas inúmeras fases e algumas tradições sem que fosse produzida uma interpretação compreensível da sociedade sambaquieira.

Por outro lado, algumas pesquisas isoladas começavam a investigar a ordenação espacial de estruturas internas aos sítios. Estudava-se a distribuição de fogueiras, de marcas de cabanas e de sepultamentos, aplicando-se os ensinamentos da arqueologia francesa na tentativa de dar conta do complexo emaranhado de vestígios.

Retomando uma das vertentes da corrente denominada “artificialista”, que considera os sambaquis uma espécie de depósito de restos de cozinha — “a lata de lixo da pré-história”, como ironizou Paulo Duarte —, investiu-se de maneira significativa na

análise dos restos faunísticos. A princípio, essa linha de pesquisa deteve-se exclusivamente na necessária identificação da fauna, tarefa que resultava em infundáveis listas de espécies. No momento seguinte, as listas foram substituídas pela contabilidade dos restos já identificados, com o que se procurava estabelecer a atividade econômica preponderante. Inicialmente contavam-se conchas e ossos, e posteriormente, buscava-se a correlação entre os restos faunísticos e a quantidade de alimento que eles representavam. Trata-se de um avanço significativo. Abandonava-se o impacto visual causado pelas conchas, que se conservavam muito bem e que, devido à cor e ao volume, destacavam-se na matriz sedimentar. As características desse material sugeriam que a atividade que sustentava a população era a coleta de moluscos. O objetivo era estabelecer a dieta alimentar dos sambaquieiros, embora muitos pesquisadores supusessem que estavam estudando a economia do grupo, uma economia que prescindia de relações sociais, pois os sítios continuavam a ser percebidos como unidades isoladas.

Os estudos sistemáticos dos restos alimentares também apoiaram-se significativamente na perspectiva amplamente difundida pelo Pronapa e, nesse contexto, foi elaborado um esquema de referência que perdurou até o início da década de 90. Os sambaquis teriam sido ocupados por bandos de coletores de moluscos. As alterações ambientais correlacionadas com

mudanças do nível do mar, e/ou decorrentes do esgotamento dos bancos de moluscos, os levaram a modificar sua base econômica, tornando-os predominantemente pescadores. É claro que mais uma vez a posição dos sítios em relação ao litoral foi acionada para sustentar o modelo proposto. A cada etapa da evolução econômica atribuíram-se diferentes fases e tradições.

Atualmente a arqueologia brasileira vem se transformando de maneira significativa, processo que, entre outras coisas, está relacionado com os desdobramentos da globalização. Pesquisadores acompanham os debates e avanços que ocorrem nos Estados Unidos, Inglaterra e França, principais centros de influência da comunidade científica. É ainda difícil estabelecer um marco divisor, porém ele está em algum momento no final da década de 80 e início da de 90, período em que são elaboradas diversas teses. O arqueólogo André Prous publicou importante síntese sobre a *Arqueologia brasileira*, e a Sociedade de Arqueologia Brasileira, criada em 1980, foi ampliada e democratizada. Os diversos *workshops* organizados por Edna Morley, do IPHAN, foram um importante mecanismo de incorporação dos avanços realizados por pesquisadores americanos das escolas do Arizona e de Michigan. Nessa linha, o congresso sobre "Teoria e métodos", organizado por Marisa Afonso e Renato Kipnis, realizado em 1995 na Universidade de São

Paulo, é um marco. Expoentes da arqueologia brasileira e profissionais americanos e franceses sentaram-se lado a lado para um debate proveitoso. Pela primeira vez, arqueólogos estrangeiros vieram ao Brasil não apenas para ensinar mas também para se informar dos resultados de pesquisas desenvolvidas por brasileiros. Finalmente, a arqueologia brasileira começou a abandonar o excessivo empirismo que sempre a caracterizou, voltando-se para a resolução de determinadas questões. Temas como domesticação de vegetais, sedentarismo, identidade social, territorialidade e organização social passaram a compor o cenário científico.

No que se refere aos sambaquis propriamente ditos, eles voltam a receber a atenção dos arqueólogos: várias teses abordam o tema e importantes projetos são delineados. A própria representação dos construtores de sambaquis altera-se. Eles não são mais percebidos como um bando de coletores de moluscos, nômades em busca de alimentos. Discute-se complexidade social, especula-se sobre a presença de chefes, enfoca-se o elaborado ritual funerário, debate-se a presença de especialistas dedicados à confecção de esculturas e destaca-se a grandiosidade dos sítios como resultado de um orquestrado trabalho social. Rompe-se com o corolário de pré-noções que correlacionavam os sambaquieiros à figura do “primitivo” desenhada no final do século passado, noção estruturadora do

pensamento arqueológico que chegou a propor que as famosas esculturas de pedra e osso não poderiam ser obra desse povo.

Atualmente alguns trabalhos enfocam conjuntos de sítios, buscando entender a articulação das unidades e sua devida caracterização. Como os sambaquis apresentam dimensões diferentes, discute-se a hierarquia entre os assentamentos; dado que muitos sítios próximos estiveram ativos concomitantemente, trata-se da complementaridade entre eles. A idéia é que os sítios isolados não têm significado sociológico e que o conjunto de sambaquis é a unidade mínima de ocupação do litoral. É um salto qualitativo na pesquisa, pois embora se soubesse que trocas eram recorrentes na pré-história, e até mesmo estruturadoras da vida cotidiana, insistia-se em tratar os sambaquis como se estivessem flutuando no espaço e no tempo. Nesse sentido, embora muita atenção tenha sido dada ao estudo da dieta, pouco fora escrito sobre relações econômicas, unidades de produção e relações de trocas. As pesquisas sobre sistema de assentamento inauguraram uma vertente ainda pouco explorada, mas que deverá fornecer explicações inteligíveis para a variedade de sítios encontrados no litoral brasileiro.

A segunda vertente da corrente “artificialista” ganha força: os sambaquis parecem ter sido uma espécie de monumento. Os sítios são considerados marcos paisagísticos, importante referência espacial para os

seus construtores, que podiam avistá-los a grande distância. Estudam-se as regras de sua construção como se fosse um enorme artefato, tal qual uma igreja que domina uma várzea ou uma mansão que sobressai no povoado. Investiga-se a sua implantação, o número de pessoas envolvidas em sua construção e o tempo necessário para essa tarefa. Pesquisadores, após exaustivos trabalhos, caracterizam alguns sítios como local de moradia e outros, como cemitério, apontando para a existência de um todo articulado. Discutem-se migração e a ocupação do litoral brasileiro.

Com a retomada da corrente denominada "mista", iniciam-se investigações sobre os processos de formação natural que resultaram na feição atual dos sambaquis. A idéia é que, após o abandono do sítio pelo grupo que o construiu, o local tenha passado por inúmeros processos naturais e culturais que determinaram sua feição atual. Tais fenômenos precisam ser investigados para que se possa saber o que o sambaqui pode informar sobre o modo de vida de seus construtores. Após o abandono pelos sambaquieiros, os sítios passaram por inúmeras intervenções de outros grupos culturais: horticultores ali fizeram suas roças, aproveitando a concentração de matéria orgânica; os colonizadores portugueses erigiram algumas de suas igrejas e de seus faróis sobre tais locais, pontos estratégicos para o domínio da paisagem natural e social. Com o desenvolvimento econômico do país, os sam-

baquis foram intensamente minerados para o fabrico da cal e pavimentação de estradas, dando lugar às cidades litorâneas.

No que se refere aos processos naturais, é preciso ter claro que os vestígios passíveis de estudo são apenas aqueles que se preservaram, e que os sítios não guardam indícios de todos os aspectos da vida social. São diferentes processos de preservação. Os vegetais praticamente inexistem mas, sob algumas condições, a madeira e a fibra podem ser encontradas pelos arqueólogos. Apesar de não serem abundantes, certamente foram materiais que integraram o cotidiano desses grupos sociais. Não há uma única referência ao uso de plumas, mas a arte plumária é tão valorizada pelos índios brasileiros que é possível supor que esse material tenha sido amplamente utilizado. Processos naturais, ainda sob investigação, também resultaram em camadas endurecidas como concreto e que foram confundidas com indício de abandono do sítio. Essas camadas concrecionadas apresentam o mesmo tipo de material que ocorre no restante do sítio, inclusive sepultamentos humanos, sem que se saiba, ainda, como se deu sua formação.

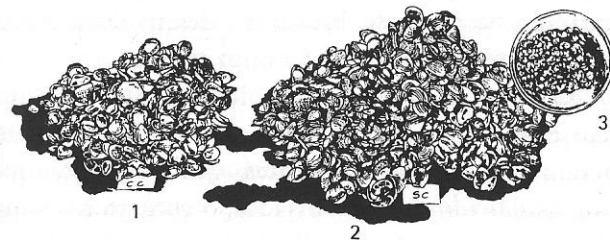
Atualmente arqueólogos assumem postura bastante diversa e a sociabilidade entre pesquisadores não tem mais como principal balizador os territórios de pesquisa: são os temas de análise que começam a delinear os grupos. Percebe-se que estudar sambaquis é

tarifa de enormes proporções e que apenas grupos de cientistas e projetos de longa duração podem analisá-los em toda a sua complexidade. As informações primárias não são mais guardadas a sete chaves, iniciam-se visitas científicas durante os trabalhos de campo e sítios são transformados em museus abertos. Em Squarema, no Rio de Janeiro, uma experiência renovadora envolve a arqueóloga Lina Kneip e a comunidade local, que juntas garantiram a preservação de um sambaqui e o transformaram em praça de visitação pública. A renovação por que passa a arqueologia brasileira tem sérios reflexos na maneira de perceber e abordar os sambaquis. O enfoque atual lança nova luz sobre a ocupação pré-histórica do litoral e permite traçar o modo de vida da sociedade sambaquieira.

A ocupação do litoral brasileiro

A partir do início da década de 1990, o estudo dos sambaquis recebe novo impulso, permitindo melhor delinear o modo de vida do povo que colonizou o litoral brasileiro. Pesquisadores que se dedicaram de maneira significativa ao estudo da evolução da dieta alimentar desses grupos só conseguiram sugerir que teria havido uma mudança da coleta de molusco para pesca. Modernas técnicas de análise em zooarqueologia demonstraram que a pesca sempre foi uma atividade importante no sistema de subsistência, apesar

de os restos deixados por ela serem muito menos volumosos do que os que resultam da coleta de molusco. Imagine você a quantidade e o tipo de restos que sobram de um churrasco de peixe e agora imagine o que sobra de uma mariscada. Agora, faça o raciocínio inverso: pense o que esses restos representam em termos de alimento consumido. Pois é esse o exercício que os arqueólogos fazem. Para complicar ainda mais, imagine que o peixe consumido poderia ser de pequeno porte; nesse caso quase nada fica como testemunho do grande banquete. O que importa aqui não é se houve ou não tal mudança social, mas sim ressaltar que as duas atividades — coleta de molusco ou pesca — implicam forte dependência do ambiente aquático. Isso é um indício de que esse grupo já estava habituado à exploração das águas e que teria desenvolvido o seu modo de vida há muito tempo (ver abaixo).



Resultado da coleta de uma catadora de berbigão durante 50 minutos. O primeiro monte são as conchas coletadas vivas e com carne; o segundo, as coletadas mortas; o terceiro, a parte comestível obtida nessa atividade.

Os pesquisadores que estudam a evolução do litoral brasileiro informam que por volta de 7 mil anos AP o mar estava recuado e que esse ambiente, hoje coberto pelas águas, pode ter sido o local de moradia dos primeiros sambaquieiros. Infelizmente, não há pesquisas voltadas especificamente para o tema que investiguem locais propícios para ocupação remota. Sabe-se que as oscilações marinhas têm especificidades regionais, cabendo investigar áreas onde possam haver sítios mais antigos, locais elevados que não foram cobertos pelo mar ou águas tranqüilas que possam guardar sítios submersos. Há também, junto à costa, sítios sobre morros. Se fossem estudados e datados, forneceria novas pistas sobre o início do processo de colonização do litoral brasileiro. Três hipóteses se apresentam: ou os mais antigos sítios conhecidos foram construídos por uma população que já tinha o hábito de explorar ambientes costeiros; ou essa população veio de um ambiente semelhante ao encontrado na costa do Brasil; ou desenvolveu o seu modo de vida no litoral há muito tempo.

O início do processo de colonização de uma região é um tema de maior interesse. Saber de onde vieram os primeiros habitantes, qual rota percorreram, as dificuldades encontradas, o contato com outros grupos é um assunto instigante que só pode ser tratado, em toda sua complexidade, quando já se dispõe de uma grande quantidade de informação sobre

a região enfocada — situação que, infelizmente, ainda não é a da ocupação costeira.

Em estudo realizado nos anos de 1992 e 1993, sistematizei as informações bibliográficas e os dados contidos no cadastro de sítios do IPHAN e obtive importantes informações sobre 958 sambaquis. Este número é uma pequena parcela daqueles ainda remanescentes, pois há áreas no Brasil que nunca foram visitadas por arqueólogos. A questão que me orientou foi saber se os sítios arqueológicos denominados sambaqui são o vestígio deixado por grupos sociais que compartilhavam a mesma tradição cultural ou se representam diferentes realidades sociais. O objetivo era delimitar a região ocupada pelos sambaquieiros para entender o processo de colonização do litoral.

Considereei que a unidade social representada pelos sambaquis poderia ser identificada através da caracterização do sítio, um espaço diferenciado que, pelo seu volume, destaca-se na paisagem. No sambaqui ocorreria a associação espacial de três importantes domínios da vida cotidiana: o espaço da moradia, o local dos mortos e o de acumulação de restos faunísticos relacionados com a dieta de seus construtores. Era um lugar particular, resultado da concentração de material orgânico que certamente tinha implicações no desenrolar do dia-a-dia. Outros materiais poderiam ter sido usados, mas a escolha recaiu sobre aqueles intrinsecamente relacionados ao consumo alimen-

tar. Ressalto que o espaço em questão é um lugar bastante peculiar, construído principalmente com conchas de moluscos e apresentando condições especiais no que se refere a textura, relevo e odores.

Muita coisa já foi dita sobre esse espaço construído: que o cheiro de ostra e de marisco em decomposição era insuportável; que os mosquitos infernizavam a vida das pessoas; e que o acúmulo de matéria orgânica criaria condições favoráveis para a proliferação de doenças. Segundo essa ótica, os sambaquieiros teriam deliberadamente criado um local desagradável. Porém, antes de tudo, é preciso deixar claro que a percepção é formada culturalmente e, portanto, é relativa; o cheiro de frutos do mar poderia não ser desagradável para quem vivia da pesca.

Tomando essa tripla associação espacial — local de acúmulo de restos faunísticos, de moradia e de cemitério — como elemento caracterizador desse tipo de sítio, trabalhei com a idéia de que os construtores formavam um grupo étnico, no sentido de que se tratava de uma população cujos membros se identificavam e eram identificados como tais, constituindo portanto uma categoria distinta das outras que lhes eram contemporâneas. Inspirada no estudo de Marcel Mauss (1974) sobre as sociedades esquimó, considerei que era o caminho para reconhecer o que o autor denominou de “individualidade coletiva”.

Mauss, ao analisar a sociedade esquimó, separa magistralmente simples variações regionais de traços

fundamentais recorrentes. Centra-se na morfologia social, ou seja, lida com o substrato material das sociedades, com as formas que elas assumem ao se estabelecerem no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto de coisas em que se assenta a vida coletiva. Dessa forma, identifica os elementos-chaves que caracterizam as idiossincrasias dessa população; mostra que, na realidade, uma série de elementos articulados (implantação, densidade populacional, composição de sexo e estado civil, composição da pirâmide de idade, ocupação sazonal, utilização de dois tipos de moradia etc.) é que fazem um esquimó sentir-se como tal e ser identificado como esquimó.

Ao estudar as fronteiras da unidade representada pelos sambaquis, considereei que elas só podem ser estabelecidas pelo arqueólogo, já que não há indivíduos remanescentes para informar como sambaquieiros se percebiam e como percebiam os outros. A etnia pré-histórica só ganha consistência a partir do contraste com outros conjuntos de vestígios que lhe são contemporâneos. O estudo de outros conjuntos delineados para a pré-história brasileira indicou que os aspectos aqui ressaltados são exclusivos da sociedade sambaquieira.

Essa reflexão parte do princípio de que o espaço é um aspecto estruturador da vida em sociedade, de que existe uma estreita relação entre o que uma coisa é e o lugar no qual está situada. O lugar é, em si mes-

mo, parte do ser do objeto. Essa premissa é particularmente reveladora no caso do sambaqui, locus de ritual funerário, o que fornece a este mesmo espaço uma dimensão sagrada.

Trata-se de uma organização cognitiva do universo que põe em relação três elementos que, para muitas outras culturas, estão necessariamente em espaços distintos. Refiro-me à estreita associação entre os moradores, os mortos e os restos faunísticos, configurando uma lógica particular de construção do espaço.

A rotina que acabou por criar pequenas montanhas não foi regida, como muitas vezes se quer supor, pela razão prática idealizada pela sociedade moderna. Nada explicaria o hábito de transportar moluscos inteiros ao invés de apenas a parte comestível. Pescadores atuais da Região dos Lagos (RJ) continuam coletando mariscos mas, ao invés de transportá-los com casca para o local de consumo, os aferventam na própria praia e aí mesmo são liberadas as carapaças. Transportam muito menos volume e peso, as carapaças retornam para as águas e o restante de carne que fica preso na concha ainda acaba por alimentar pequenos peixes. As catadoras de berbigão da praia do Sonho e da Passagem da Barra, em Santa Catarina, usam as conchas de berbigão para elevar o piso de seus terrenos, pavimentar buracos da rua e da calçada, ou seja, as cascas recebem o destino ditado pelos costumes sociais da população atual (Fig.3). Se a inten-

ção dos sambaquieiros era fazer um aterro para garantir uma plataforma seca para moradia, como fazem as catadoras de Santa Catarina, nada justifica que este hábito tenha se mantido após atingir certa quantidade de material e que, em alguns casos, ultrapassasse os 30m de altura.

Esta reflexão tem como objetivo assinalar que a maneira de ordenar o espaço é também uma idiosincrasia de cada sistema sociocultural. Sob esta ótica, os próprios sambaquis são artefatos tais como as nossas casas, barracos, palácios e estádios de esporte. Como no caso dos esquimós, acumular restos faunísticos, morar nesse espaço peculiar e aí enterrar os seus mortos é que fazia um sambaquieiro se perceber e ser percebido como tal.

A partir dessa perspectiva, estudei a bibliografia e constatei que o litoral sul e sudeste do Brasil foi ocupado por grupos que compartilhavam a mesma tradição cultural, muito embora os vestígios deixados por eles apresentem particularidades regionais. Sambaquis ocorrem também no litoral baiano, em Alagoas, Piauí, Maranhão e Pará. Há muito tempo são conhecidos os sambaquis do baixo Amazonas e recentemente foram descobertos sítios no Xingu. Porém, os estudos no Norte e Nordeste são pontuais e não permitem estabelecer correlações seguras com os do litoral sul.

Ressalto que é tarefa difícil delinear a unidade social com as informações disponíveis, já que em alguns sítios foram abertos apenas pequenos poços-testes e, com uma amostragem diminuta, não se pode caracterizar um sambaqui. Esse tipo de sítio não é um espaço homogêneo. Ao contrário, apresenta diferenças marcantes em seu conteúdo. As informações cadastrais, porém, registram abundância de restos faunísticos e indicam que a grande maioria dos sambaquis era também o espaço do ritual funerário.

Não aceito a explicação corrente de que tais sítios sejam resultado da maior oferta de fauna marinha que caracterizou algumas regiões nos últimos 10 mil anos. Considero que essas condições ambientais propiciaram o desenvolvimento de sociedades que se apoiavam na exploração de recursos aquáticos, mas a maior oferta desses recursos não explica o hábito cultural de acumular restos faunísticos. Trata-se de intenso trabalho social que, em algumas regiões, resultou na construção de verdadeiras montanhas.

Não cabe aqui discutir os eventos que ocorrem em outros continentes. Também não há dados suficientes para estabelecer correlações seguras entre os sítios do Sul e do Norte do Brasil. No entanto é necessário assinalar que, em termos estruturais, um mesmo conjunto de regras estava operando nos diversos sambaquis brasileiros. Esse conjunto de normas ditava que os restos faunísticos deviam ser acumulados,

que ali era o espaço dos mortos e, na maioria dos casos, era também o espaço da moradia.

Os sambaquis que estão ao norte da baía de Todos os Santos apresentam cerâmica muito característica, cuja argila foi acrescida de fragmentos de conchas para dar melhor consistência aos vasilhames. Essas cerâmicas integram o conjunto denominado de tradição Mina, as pesquisas indicando uma longa seqüência cronológica, que teve início aproximadamente 7.000 anos AP. Trata-se da cerâmica mais antiga das Américas, produzida por uma sociedade que obtinha o seu sustento explorando recursos aquáticos. Quando forem intensificados os estudos na região do baixo Amazonas e litoral do Salgado, será desvendada uma realidade extremamente complexa que ainda não pode ser delineada.

Deixando de lado os sambaquis da região norte e nordeste por falta de estudos detalhados e apoiando-me nas 238 datações que são amplamente aceitas pelos pesquisadores, é certo que por volta de 6.500 anos AP os sambaquieiros já estavam ocupando o litoral do Paraná e dali teriam partido seguindo dois eixos: um em direção ao norte e outro, ao sul do país. No sul há sambaquis até Torres, Rio Grande do Sul, e para o norte os sítios ocorrem numa faixa contínua até a Bahia, sendo que estudos sistemáticos restringem-se ao norte do Rio de Janeiro.

Essas são as informações disponíveis sobre a distribuição espaço-temporal dos sambaquis. Fica claro que muita pesquisa ainda tem que ser feita para que se possa falar, com mais segurança, do processo de colonização do litoral brasileiro. Alguns estudiosos consideram que, no mesmo período em que os sambaquis estavam ativos, o litoral também era ocupado por outros grupos sociais, que deixaram testemunhos distintos. Esses sítios receberam várias denominações, tais como "sambaquis sujos", "acampamentos para coleta de moluscos" e "tradição Itaipu". Porém, considero que eles compartilham uma série de características dos sambaquis e, portanto, podem ser acomodados nas diferenças que existem no próprio sistema de assentamento e nas variações que ocorreram durante o processo de colonização, que abrangeu mais de 5 mil anos e uma extensa faixa litorânea.

Alguns estudiosos dos caracteres genéticos impressos nos ossos humanos provenientes dos sítios de Santa Catarina argumentam que teria havido significativo fluxo gênico, ou seja, teria ocorrido considerável grau de reprodução entre os sambaquieiros e outras populações. Os resultados da pesquisa paleogenética, para alguns pesquisadores, reforçam a hipótese da existência de diversidade cultural entre os povos do litoral. Porém, essa diversidade pode estar relacio-

nada à funcionalidade dos sítios, à ampla variabilidade regional e ecológica e à longa duração dessa tradição cultural. Mesmo a diversidade genética proposta parece razoável no caso de um sistema que se expandiu por uma extensa região durante muito tempo. Como é sabido, população, língua e cultura não se sobrepõem exatamente como gostariam os pesquisadores. A cultura deve ser pensada como entidade dinâmica e sempre em mudança. Grupos sociais devem sempre ter entrado em contato com outros através de casamento, trocas e outros tipos de relação sem, necessariamente, mudar seus costumes sociais de uma maneira significativa.

Com essa proposta estou sugerindo uma certa ruptura com o esquema de análise adotado desde os primeiros estudos de sambaquis na pré-história brasileira. Considero que traços culturais podem variar no tempo e espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade social do grupo. Essa perspectiva percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado. Os estudiosos que defendem a concomitância de grupos sociais distintos, em uma mesma área e no mesmo período, ainda não investigaram as regras de sociabilidade entre grupos sociais diferentes que compartilhavam áreas muito próximas, explorando os mesmos recursos e construindo o mesmo tipo de sítio.

Tipo de ocupação: nômades ou sedentários?

O estudo do ambiente encontrado no entorno dos sítios fornece informações sobre estratégias de sobrevivência que nem sempre ficam registradas nos sambaquis. Os sambaquieiros não contavam com sofisticados meios de armazenamento de alimentos ou de circulação de mercadoria. Para garantir o abastecimento do grupo, estabeleciam seus assentamentos em locais estratégicos onde pudessem obter alimentos todos os dias e durante o ano inteiro.

Pesquisa realizada na Região dos Lagos, Rio de Janeiro, indicou que os locais prediletos de implantação dos sítios são áreas de interseção ambiental. Próximos de enseada, canal, rio, lagoa, manguezal e floresta, dos sambaquis era possível alcançar rapidamente os diferentes ambientes. Se o mar estivesse bravo ou se o peixe não encostasse, o alimento poderia ser conseguido nas lagunas ou no mangue. As matas garantiam uma eventual caça e uma série de frutos e sementes. A ocupação de pontos estratégicos permitia o acesso a diferentes ambientes e, assim, o estabelecimento de uma população sedentária.

Pesquisadores que achavam que os sambaquieiros eram nômades apoiavam-se na idéia de que a base de sua dieta alimentar era o molusco e que a coleta intensiva terminava por exaurir esses recursos. Como consequência, o grupo era obrigado a deslocar-se à

procura de novos locais de coleta. Já se demonstrou que parte significativa da dieta apoiava-se na pesca e só com a industrialização da atividade pesqueira é que esse recurso começa a se tornar escasso. Embora pertença ao senso comum a idéia de que o inverno no sul do país é uma estação pouco piscosa, a pesquisa que realizei com os pescadores da lagoa do Camacho, em Jaguaruna, Santa Catarina, indicou que mesmo em tempos críticos é razoável a produção de pescado, muito embora as espécies capturadas não tenham colocação ou bom preço no mercado (Fig.4).

Complementa esse raciocínio o fato de que nem todas as análises de restos faunísticos constatarem a presença de indícios de exaustão de bancos de moluscos e, a julgar pelas aldeias de pescadores contemporâneos que ainda ocupam as mesmas regiões e por sua já referida produtividade, não há motivos para supor que o ambiente apresentasse restrições tão severas que tornassem o nomadismo uma estratégia de sobrevivência. O mar, que vem sendo explorado sistematicamente durante milênios, só agora começa a dar mostras de cansaço: as fazendas de camarão e as de ostras são alguns indicadores do fenômeno que ocorre no final do século XX.

Por outro lado, o estudo de perfis de vinte sambaquis, tanto no Rio de Janeiro como em Santa Catarina, não indicou evidências claras de abandono. Mesmo sítios que durante a construção parecem con-

tar com uma camada considerada estéril — tal qual a identificada no sambaqui do Forte, Rio de Janeiro ou no Saquarema, Paraná — apresentam dois pacotes de material arqueológico que foram acumulados ininterruptamente. Caso tivesse havido abandono em determinado momento, o tempo necessário para construção das camadas separadas pelo nível estéril seria suficiente para indicar que o sítio foi habitado por um grupo sedentário. Por outro lado, no próprio sambaqui do Forte, foram identificadas fogueiras estruturadas na camada que havia sido considerada estéril. Assim, é preciso saber se, de fato, houve abandono do sítio ou entender qual a lógica construtiva que formou uma camada arenosa onde conchas e ossos de peixe estão ausentes.

A posição central dos sambaquis em relação aos recursos, a inexistência de hiatos na estratigrafia dos sítios e as particularidades do ambiente litorâneo indicam tratar-se de um grupo sedentário e que se mantinha por longos períodos em seu território.

Tempo de ocupação dos sambaquis

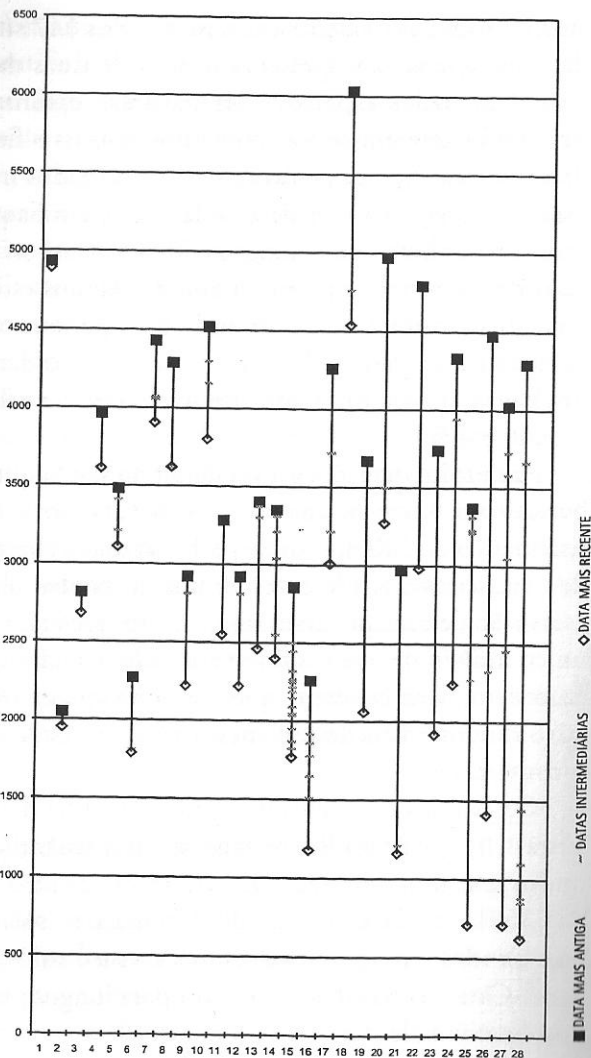
Durante os anos 1994-95, levando em conta que os sambaquis foram construídos por grupos sedentários, investiguei o tempo de sua permanência nos sítios. Para saber a duração da ocupação dos sambaquis

analisei todas as datações existentes e, dos 147 sítios datados, apenas 28 apresentam mais de duas datações. São dados esparsos e de natureza distinta, e nem todos referem-se aos momentos iniciais e finais da ocupação. Apesar dessas restrições, os dados indicam um longo período de atividade dos sambaquis. Indicam também que a grande maioria funcionou por mais de cem anos, ininterruptamente. Alguns estiveram ativos durante mais de mil anos, período surpreendente e inesperado para o que se considerava um bando de coletores nômades (ver gráfico e tabela às p.46 e 47).

As dezoito datações provenientes do sambaqui Jabuticabeira-II, em Jaguaruna — associadas ao estudo sistemático de 200 metros de perfil, aliadas à abertura de trincheiras em diferentes pontos do sambaqui e à escavação de uma pequena área —, não revelaram um único indício de que o sítio tivesse sido abandonado. É, de fato, surpreendente que um sambaqui estivesse ativo durante mais de mil anos; todavia os dados são incontestáveis.

Os estudos realizados nos sambaquis Ilha da Boa Vista-I, II, III e IV, no Rio de Janeiro, também indicam que os seus moradores lá permaneceram por pelo menos 350 anos. Não se trata de informações isoladas, pois estudos em andamento em mais cinco sítios, em Santa Catarina, também apontam para longos períodos de atividade dos assentamentos.

Tempo de ocupação dos sambaquis



SITO	ESTADO	DATA + ANTIGA	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	INTER	DATA + RECENTE	DIFERENÇA 1ª Última
Playaguera	SP	4930																4890	40
Morrodo	SC	2051																1951	100
Garopaba do Sul	SC	2816																2881	135
Moa	RJ	3960																3610	350
Ilha Vista-I	RJ	3480	3410	3210														3110	370
Pontinha	RJ	2270	1810															1790	480
Saquarema	PR	4430	4071	4056														3965	525
Ponta das Almas	SC	4289	3620															3620	669
Espinheiros-I	SC	2920	2870															2220	700
Beirada	RJ	4520	4300	4160														3900	720
Saquarema	RJ	3280																2590	730
Carrizal	SC	3400	3370	3300														2460	940
Canga-I	SC	3350	3310	3210	3040	2950												2400	950
Jaburabera-II	SC	2896	2800	2446	2321	2271	2261	2246										1771	1085
Zé Espinho	RJ	2290	1920	1860	1780	1650	1510											1180	1160
Coronó	RJ	4280	3720	3215														3010	1250
Porto Maurício	PR	6030	4760															4540	1490
Ilha Vista-II	RJ	3670																2060	1610
Macedo	SC	4970	3500	3496														3271	1699
Espinheiros-II	SC	2970	1270															1160	1810
Godó	PR	4790																2980	1810
Ilha Vista-IV	RJ	3740																1920	1820
Faria	RJ	4330	3940															2240	2090
Cabeira	RJ	3370	3310	3230	3210	2270												710	2660
Combinhas	RJ	4475	2562	2328														1410	3065
Mahada	RJ	4020	3725	3580	3050	2455												710	3310
Faria M. Luz	SC	4290	3860	1440	1100	880	850	640										620	3670

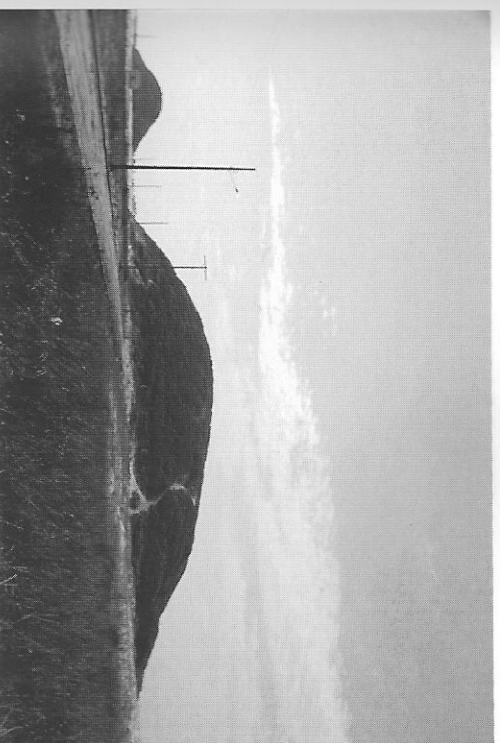
Tabela que deu origem ao gráfico da página ao lado. Apresenta os sambaquis que contam com mais de uma datação. Para facilitar a visualização foi omitida a margem de erro que acompanha as datas utilizadas pela arqueologia.

Tecnologia, arte e domínio do mar

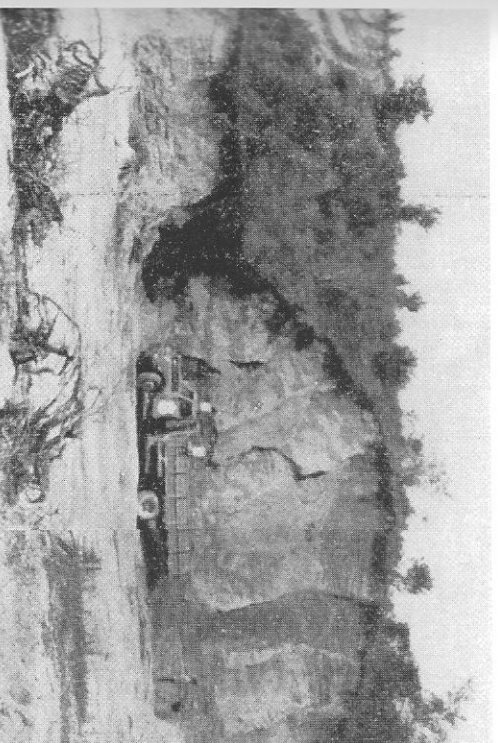
A ocupação de ilhas, algumas distantes da costa, e a grande quantidade e diversidade de restos de fauna aquática demonstram grande intimidade com o mar. Os sambaquieiros certamente dispunham de algum tipo de embarcação para garantir as rotineiras idas e vindas entre os diferentes pontos do continente e as ilhas. A presença de peixes grandes entre os restos faunísticos, inclusive diferentes espécies de tubarão, indica destreza e familiaridade com as águas. Suspeita-se que pescavam em águas profundas.

Os ossos humanos guardam informações sobre esse modo de vida, e a robustez que caracteriza essa população parece estar relacionada ao uso de embarcação, sendo que o hábito de mergulhar também deixou seus traços. Além das canoas, deviam existir armadilhas para pesca e redes de arrasto mas, como o espaço próprio de tais objetos é a água, não se tem vestígio de sua presença entre os materiais recuperados nos sítios.

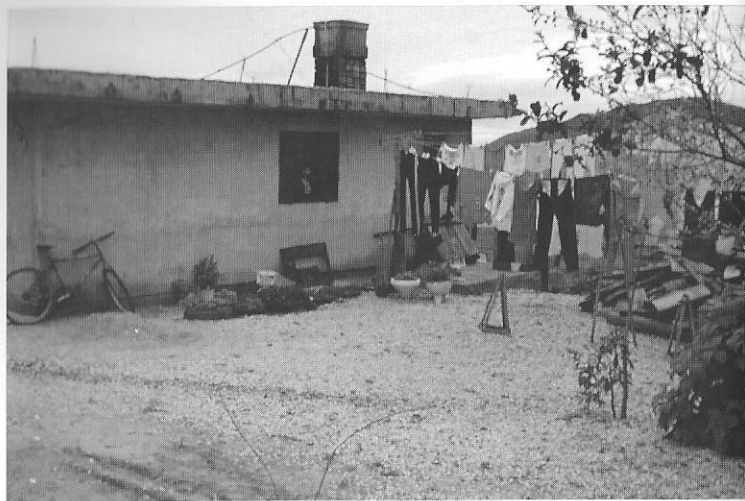
Nos sambaquis é encontrado um eficiente arsenal tecnológico para a captura de pescado, formado por uma variedade de pontas ósseas que eram presas à extremidade de hastes de madeira, algumas com a função de perfurar o animal caçado, outras com a extremidade arrebitada para auxiliar na fixação do peixe tal qual uma farpa de arpão. Os materiais escolhidos



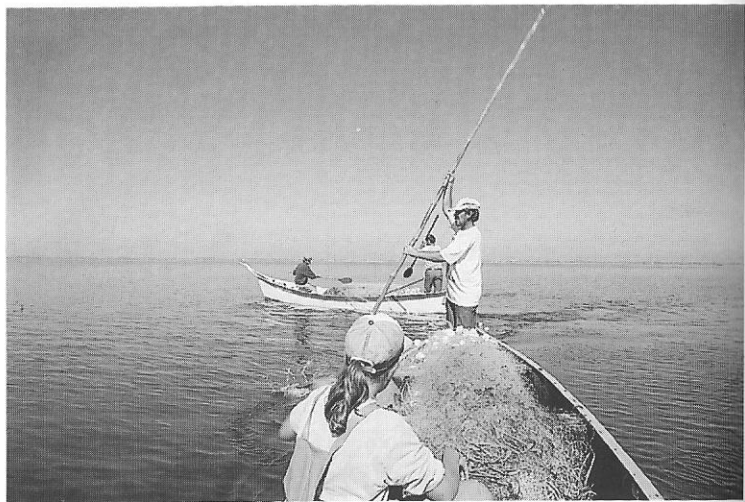
1. Observe o tamanho e a proximidade dos sítios. Sambaquis da Figueirinha-I e II, SC.



2. Mineração do sambaqui Pernambuco-II, um dos grandes depósitos conchíferos de Santa Catarina. Hoje esse sítio encontra-se destruído.



3. A catadora de berbigão depositou as conchas no terreno e criou uma pequena plataforma. Praia do Sonho, SC.



4. Mesmo durante o inverno a lagoa do Camacho fornece alimento para a população local.



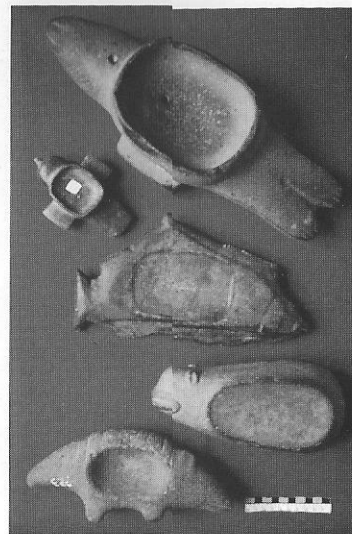
5. Nessa montagem podem ser observados os materiais encontrados em sambaquis do Rio de Janeiro: ossos humanos, pontas de osso, raspadores de conchas, adornos feitos em pedra e osso e lascas de quartzo.



6. Rocha utilizada para preparar as lâminas de machado de pedra polida. Sambaqui Ilhote do Leste, RJ.



7. A lâmina de machado é parte do acompanhamento funerário. Sambaqui Ilhote do Leste, RJ.



8 e 9. Esculturas feitas em pedra. Coleção Padre Rohr, IPHAN, SC.



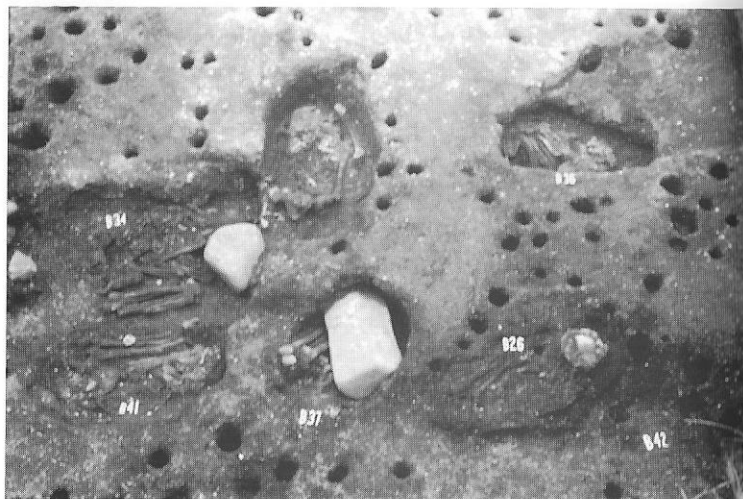
10 e 11. Escultura representando homem, recuperada na Ilha do Desterro, sítio Pântano do Sul. Exposição do Museu Nacional, RJ.



12. No sambaqui Jabuticabeira-II, SC, os mortos eram sepultados em posição fetal em pequenas covas ovaladas.



14. Início da escavação do sambaqui Jabuticabeira-II, SC.



13. Observe o grande número de sepulturas; em algumas covas havia mais de um indivíduo. Sambaqui Jabuticabeira-II, SC.



15. O arqueólogo usa espátula de bambu para expor um dos frágeis esqueletos. Sambaqui Jabuticabeira-II, SC.



16 e 17. Todas as informações são registradas através de desenhos e fotografias.

para fabricação desses artefatos são espinhos de peixe, esporões de raia e ossos longos de aves e de mamíferos, como macacos, porcos-do-mato e veados. Em alguns sítios, anzóis de osso complementam o acervo voltado para a captura de peixe. Pequenos blocos e lascas de quartzo eram preparados através da percussão direta e bipolar, garantindo fios cortantes para inúmeras tarefas. Conchas resistentes eram usadas para raspar e muitas foram transformadas em adornos. Belos pingentes ou contas arredondadas indicam destreza na fabricação de peças delicadas e valorização das superfícies nacaradas das carapaças de moluscos. Dentes de porco-do-mato, tubarão e jacaré também foram transformados em pingentes que adornavam colares e, em virtude do comportamento agressivo desses animais, deviam ser importantes insígnias na vida cotidiana (Fig.5).

O arsenal tecnológico contava também com objetos para triturar e moer alimentos. Pesados almofarizes feitos em pedra estavam relacionados com o processamento de vegetais. Um artefato sugestivamente denominado quebra-coquinho, entre outras funções, facilitava o consumo de diferentes tipos de nozes. Embora certamente fossem uma importante fonte de matéria-prima e de alimento, os vegetais têm baixa preservação nos sambaquis, podendo ser encontrados apenas quando estão carbonizados ou em camadas com bastante água. Nos níveis submersos do samba-

qui de Sernambetiba, no Rio de Janeiro, foi encontrado um fragmento de madeira que parece ser parte de uma lança. De lá também provém uma série de pequenas estacas de madeira que foram encontradas alinhadas. No sambaqui Espinheiros-II, em Santa Catarina, encontraram-se trançados que poderiam fazer parte de uma cesta ou armadilha para capturar peixe.

A importância do reino vegetal para os sambaquieiros já foi detidamente analisada e o estudo dos carvões demonstrou que uma grande quantidade e diversidade de madeiras eram manuseadas por esses grupos, que exploravam, de maneira sistemática, o entorno dos sítios. Galhos e troncos caídos, madeiras já mortas, eram usados para as fogueiras. Há indícios de que realizavam manejo de plantas e provavelmente protegiam algumas espécies apreciadas para consumo ou fabricação de artefatos — prática plausível em se tratando de um grupo sedentário que ocupou os sítios durante grande intervalo de tempo. A alta frequência de cáries, aliada a um desgaste específico dos dentes observado na população que construiu o sítio Coronado, no Rio de Janeiro, também revela a importância dos vegetais na dieta alimentar. O estudo dos dentes indica elevado consumo de carboidrato, e suspeita-se que esteja relacionado ao cultivo de mandioca.

Ainda sobre a indústria lítica, um número significativo de pequenos seixos arredondados é encontrado nos sítios. Alguns, de tanto serem usados, ficaram

desgastados e apresentam pequenas depressões na parte central ou mossas nas extremidades. São marcas decorrentes do uso repetitivo para lascar outras pedras, fixar estacas no solo ou quebrar coquinhos. Algumas pedras não apresentam nenhum trabalho ou marca de uso e sua função não pode ser determinada. Outras fazem parte da parafernália mortuária e foram escolhidas provavelmente devido à forma e ao peso. A superfície homogênea e alisada pela ação da água e da areia pode ter sido fonte de inspiração para o desenvolvimento da técnica do polimento, arte em que os sambaquieiros eram exímios. A destreza em lidar com as pedras está manifesta tanto nos pingentes como nas esculturas. Um esqueleto evidenciado no sambaqui de Guaíba, em Guaratiba, no Rio de Janeiro, contava com um belo colar com dois pingentes: uma plaqueta feita em concha e a outra em pedra. Esta apresenta forma ovalada, com 20cm de comprimento e 10cm de largura máxima, e foi insistentemente polida até que ficasse com a espessura de 0,5cm. O dedicado trabalho resultou em uma peça de forte apelo estético. Rodelas com cerca 10cm de diâmetro e 4cm de espessura também eram fabricadas e indicam o persistente trabalho de perfurar matéria-prima tão resistente quanto o diabásio ou o gnaiss. Um desses objetos foi encontrado no sambaqui Jabuticabeira-II e fazia parte do acompanhamento funerário.

Seixos de formato quadrangular eram também escolhidos para a fabricação de lâminas de machado e, se necessário, afinados através de lascamento, o gume sendo finamente polido. Os locais para preparação de lâminas de machados são denominados oficinas de polimento. São diques de diabásio ou basalto que apresentam conjuntos de marcas correspondentes à preparação do lado, da face e do gume da lâmina. Geralmente estão próximos da água, elemento que, junto com a areia, agilizava a obtenção do polimento desejado. Considerando que existe um número muito maior de sambaquis (que ultrapassa a casa do milhar) do que de oficinas de polimento (que não chega a três dezenas) e que quase todas as coleções procedentes de sambaquis contam com lâminas polidas de machado tipologicamente semelhantes, acho que a produção desse artefato restringia-se a determinadas áreas. Infelizmente, a inexistência de pesquisas que tratem, em detalhe, da produção e da circulação de tais peças impede que se avance sobre o tema (Figs. 6 e 7).

A habilidade dos sambaquieiros ficou registrada nas esculturas de pedra e osso conhecidas como zoólitos (zoo=animal, lito=pedra); são objetos que impressionam pela beleza e pelo equilíbrio de formas. O viés extremamente reducionista da arqueologia brasileira fica bem expresso no termo escolhido para designar essas magníficas esculturas, que também são feitas em osso e que não se restringem a representar

animais. Rodas dentadas, espécie de engrenagens, e peças fálicas também integram esse universo, além de peixes, aves, homens e figuras geométricas. André Prous (1977) estudou detidamente essas esculturas e informa que são conhecidas mais de duas centenas, medindo entre 10 e 43cm, e que a quase totalidade dos artefatos apresenta uma pequena cavidade de forma oval em sua parte ventral. Prous identificou dois conjuntos de peças segundo suas principais categorias estilísticas: esculturas geométricas e objetos variados que incluem representações naturalistas de animais. Alguns animais são facilmente reconhecíveis e passíveis de identificação zoológica, podendo ser estabelecida a espécie. Raia, tubarão, baleia, boto, linguado, peixe-cofre, parati, enchova, enxada, martim-pescador, pingüim, albatroz, coruja, urubu-rei, morcego, tatu, jabuti, tamanduá, cutia, tartaruga, jacaré e um felino estão entre os animais escolhidos para serem retratados em pedra e em osso (Figs. 8, 9, 10 e 11).

Como o restante do conteúdo dos sambaquis — artefatos ósseos, líticos, restos alimentares, esqueletos humanos —, muitas estatuetas também foram encontradas nos sítios. As esculturas que representam animais referem-se, em sua grande maioria, a seres que estão presentes no registro arqueológico na forma de restos alimentares. As exceções são alguns animais voadores (morcego, albatroz e uma ave que parece urubu-rei) e um animal que se aproxima do taman-

duá. Nesse sentido, as representações parecem fazer menção ao domínio alimentar, os seres representados diferenciando-se da totalidade da dieta por serem animais que têm mobilidade. Como foi apontado por Prous, as estatuetas referem-se “a um mundo animado do qual os vegetais e os moluscos estão excluídos”. São bichos que nadam, correm, voam e que podem ser surpreendidos copulando. Por compartilhar destas características é que os próprios homens também estão aí representados.

O fato de a grande maioria das esculturas apresentar a cavidade na parte ventral leva a pensar que estão referidas ao domínio da reprodução e da fertilidade. A reprodução, de maneira bem explícita, está mencionada na escultura que mostra pássaros copulando e a fertilidade, no objeto que apresenta um casal de peixe no momento da desova.

A categoria abundantemente representada é a dos animais marinhos. São também os que recebem tratamento mais realista, possibilitando identificar o gênero e até mesmo a espécie. Nas palavras de Castro Faria, apresentam “apreciável correção anatômica”. São o que o senso comum chama de “peixe”. Já os animais terrestres só podem ser identificados, com total segurança, em um caso. As aves, salvo uma representação fiel de albatroz, são geralmente simples evocações.

Essa atenção dedicada aos “peixes” aponta para o ambiente a que o grupo estava mais ligado e é a chave para entender a maneira como os próprios sambaquieiros deviam se perceber. Ao invés de “coletores de moluscos”, como havia sido proposto pelos pesquisadores, dada a grande quantidade de conchas, é mais provável que eles se percebessem como pescadores, senhores do mar. Como o albatroz, tinham uma grande familiaridade com águas distantes da costa.

A intimidade com o mar, que só recentemente vem sendo desvendada, justifica o cuidadoso tratamento dado ao albatroz. Trata-se de uma ave de alto-mar que não frequenta o litoral brasileiro e que, por ser um animal típico de mares distantes, recebeu um tratamento mais detalhado, transformando-se assim em um símbolo do domínio do mar.

No litoral catarinense foram encontradas gravuras polidas feitas em paredões de granito que delineiam formas humanas e desenhos geométricos. Os painéis estão em locais de difícil acesso, em ilhas distantes da costa e voltados para mar aberto. O estudo realizado por André Prous indicou que as ilhas que receberam a decoração estão dispostas em intervalos de 20 a 25km, como se cada uma fosse um ponto marítimo de uma etnia continental.

É sempre difícil correlacionar grafismos com vestígios de solo mas, em decorrência da localização dos

painéis, que foram feitos por exímios navegadores, não seria surpresa se fossem obra dos sambaquieiros.

A intimidade com o ambiente aquático está registrada também na própria implantação dos sítios na paisagem, geralmente em locais que se debruçam sobre as águas como os apartamentos com vista para o mar.

Sambaquis próximos, moradores vizinhos

O arranjo espacial dos sambaquis na paisagem e as suas dimensões informam um pouco mais sobre a organização social desse povo. Sintetizei os dados disponíveis sobre 62 sítios da Região dos Lagos e obtive várias informações sobre o sistema de assentamento desse grupo social. Ao estudar as técnicas empregadas na fabricação de artefatos, bem como marcas de uso e formas recorrentes nestas indústrias, observei alta similaridade na forma final e na maneira de fazer os objetos. Essa análise, associada ao estudo do próprio processo de construção dos sítios, evidenciou uma cultura material produzida por pessoas que circulavam entre os sítios e que viajavam pelo litoral de uma maneira capaz de disseminar e manter o modo de resolver os seus problemas e fazer suas coisas.

A análise da distribuição espacial dos sítios e o estudo dos restos faunísticos indicaram também que

os assentamentos estavam tão próximos que ocorria a sobreposição de áreas de captação de recursos. Como alguns sítios estavam ativos simultaneamente e como não há nos ossos humanos indícios de disputas sistemáticas nem arsenal tecnológico voltado para a guerra, considere que a sobreposição de territórios aponta para a exploração conjunta do ambiente. Os recursos existentes nos ambientes aquáticos têm características que favorecem esse tipo de sociabilidade. Como ocorre nas tradicionais aldeias de pescadores, a pesca pode ser realizada por um número significativo de pessoas, pois, se o cardume não for capturado, continua o seu ciclo de vida e só estará disponível na próxima estação. O peixe pode ser cercado em conjunto e sua concentração propicia a interação social.

A análise da distribuição espacial dos sítios indicou, ainda, que a ocupação da área se deu através de concentrações de sítios e não através de sítios isolados. Esses agrupamentos de sítios são as unidades que têm significado para a vida social dos sambaquieiros. O espaçamento entre os sítios, o fluxo e a interação entre pessoas e a sobreposição de territórios de exploração indicam a articulação dos diferentes sambaquis.

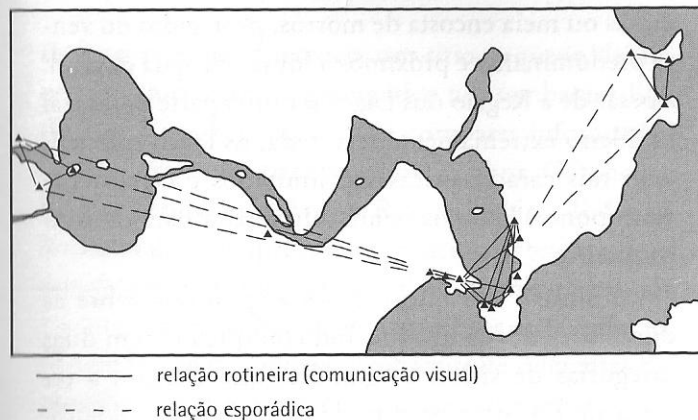
Embora não haja quantidade significativa de sítios datados que permita tratar o tema com a desejável precisão, as informações disponíveis para a Região dos Lagos sugerem que os agrupamentos funcionariam

com um número mínimo de três sítios, os maiores adensamentos podendo conter até o dobro de sambaquis. Ao crescer em demasia, a comunidade provavelmente se subdividia: um pequeno grupo poderia se juntar a um agrupamento já existente ou mesmo iniciar a construção de outra comunidade, dando continuidade ao povoamento do litoral brasileiro.

No interior das comunidades, observei ainda uma maior concentração de sítios em alguns pontos. Os sítios têm alta visibilidade e a proximidade entre eles é de tal ordem (500m em média) que permitia controle visual e comunicação gestual entre seus moradores. Esses assentamentos compunham o núcleo de interação da comunidade. A possibilidade de comunicação visual provavelmente está relacionada à exploração conjunta dos grandes corpos de água, pois não seria surpresa se existisse um sistema de comunicação algo semelhante ao vigente hoje entre os pescadores da região.

A distância entre os sítios sugere dois tipos de interação social: relações rotineiras entre os moradores de sítios que compunham o núcleo e relações mais esporádicas entre sambaquis mais distantes. A posição mais isolada de alguns assentamentos implicava deslocamentos de seus habitantes para entrar em contato com os habitantes de outros sítios distantes e com o núcleo da comunidade (ver mapa à página seguinte).

ESQUEMA DE INTERAÇÃO CARACTERÍSTICA DE AGRUPAMENTO
DE SÍTIOS EM CABO FRIO, RJ



Ora, se a visibilidade dos sítios era um importante valor para esse grupo que se empenhou na construção de marcos paisagísticos e se as indústrias, tanto de fabricação de artefatos como do próprio sítio, indicam que a circulação de pessoas era uma prática rotineira, é bem provável que os sambaquis que integravam os núcleos das comunidades fossem locais privilegiados na trama social desse grupo.

O estudo da implantação dos sítios na paisagem indicou ainda o tipo de local escolhido para edificação dos sambaquis. Eram preferidos pontos de interseção ambiental, próximos do mar, da lagoa, do canal, do manguezal, da restinga e da floresta. Os sítios eram

construídos em locais que se caracterizam por pequenas elevações, tais como cordões litorâneos, topo de dunas ou meia encosta de morros, protegidos do vento predominante e próximos a fontes de água potável. Apesar de a Região dos Lagos ser uma parte do litoral brasileiro extremamente recortada, os locais que reúnem tais características são limitados e certamente eram pontos extremamente valorizados para os sambaquieiros.

A síntese das informações disponíveis sobre as dimensões dos sambaquis indicou que existem duas categorias de sítios: os grandes, que chegam a ter cerca de 6m de espessura de camada arqueológica, e os pequenos, que não ultrapassam 2m. Constatei que existia um número maior de sítios de pequenas dimensões e que exemplares das duas categorias estavam distribuídos entre os diferentes agrupamentos. O tamanho do sítio pode ser decorrente de dois fatores: o tempo de duração do assentamento ou o número de pessoas envolvidas em sua construção. Pertencer a um grupo maior ou que já estava na região há mais tempo podia ser motivo de prestígio para os sambaquieiros. Assim, a existência desses dois conjuntos aponta para uma dimensão importante da ordem social, especialmente no que se refere à hierarquia entre sítios, sugerindo que havia sambaquis mais importantes do que outros.

Atividades nos sambaquis e indícios de mudança social

Para saber o que diferencia um sítio pequeno de um grande, iniciei estudo sistemático nos sambaquis Ilha da Boa Vista-I, II, III e IV, e comparei informações com as existentes para os sítios Tambor, Corondó e Sernambetiba, também no Rio de Janeiro. Todos os locais analisados apresentam indícios de terem sido o espaço das atividades rotineiras de um grupo pescador e o local de sepultamento dos membros da população. O estudo indicou que os sambaquis de diferentes dimensões tinham a mesma função no sistema de assentamento e que sua dimensão relacionava-se com a maior intensidade de atividades rotineiras decorrente do maior número de pessoas envolvidas ou maior tempo de duração.

Dessa forma, constatei que existiam algumas áreas especiais, não só por reunir condições ideais para implantação e, portanto, contar com assentamentos de grandes dimensões, mas também por concentrar um número maior de sítios. Parece ter ocorrido uma articulação entre aspectos sociais e características ambientais que tornou esses locais pontos privilegiados na hierarquia de valores do grupo. Os sambaquieiros conformaram assim a paisagem do litoral brasileiro.

Para poder delinear a cena social é preciso ter idéia do número de pessoas envolvidas na trama social. Os parâmetros demográficos estabelecidos apresentam significativa variação nas diferentes regiões do litoral brasileiro. Na Região dos Lagos, um sítio de pequeno porte teria sido construído por cerca de 36 pessoas e um de grande porte, por 165. Levando em conta que uma comunidade sambaquieira contaria com pelo menos três sítios ativos, além de reunir um número maior de sítios de pequeno porte, sem falar na variabilidade demográfica na história de cada assentamento, é possível ter como parâmetro 180 pessoas para os agrupamentos menos densos. O número de pessoas calculado por mim está em consonância com os parâmetros estabelecidos por outros pesquisadores de sítios do Rio de Janeiro e para São Paulo e Paraná.

Já em Santa Catarina, onde estão os grandes sambaquis, certamente havia mais gente que participava da vida social. Um grupo de pesquisadores ao qual pertencio estabeleceu que foram sepultadas aproximadamente 43.480 pessoas no Jabuticabeira-II. Considerando para o cálculo demográfico o intervalo de 700 anos, estipulamos que em cada geração de 25 anos, 1.550 pessoas foram ali enterradas. Embora ainda não estejam disponíveis estudos sistemáticos sobre a distribuição espacial dos sítios e a caracterização das comunidades nessa região, sabemos que outros sambaquis próximos também estavam ativos concomitan-

temente, tais como o Morrote, o Garopaba do Sul e o Carniça, fato que aumenta ainda mais o número de pessoas envolvidas na trama social. Apesar de elevado, esse número encontra respaldo na pesquisa de antropologia física que identificou marcas deixadas em ossos humanos por doenças infecto-contagiosas, que necessitam de concentração demográfica para se proliferarem.

Como já foi visto, a análise das datações indica que os sambaquis estiveram ativos durante grande intervalo de tempo. Parte significativa funcionou por mais de cem anos e alguns estiveram ativos por cerca de mil anos. Trata-se de um amplo intervalo de tempo, que aponta para um sistema sociocultural muito bem estruturado e estável e que surpreende, principalmente se for levado em consideração que o "descobrimento" do Brasil completa agora 500 anos (ver gráfico e tabela às p.46 e 47).

É claro que existiram mudanças regionais e temporais, porém só agora começam a ser estudadas de uma perspectiva menos simplista. Os sambaquis de Santa Catarina parecem ser diferentes dos do Rio de Janeiro não só por suas dimensões e pelo número de pessoas envolvido em sua construção, mas também porque as comunidades sambaquieiras do sul parecem ter sido integradas por sítios com funções distintas.

Nos agrupamentos do Rio de Janeiro, os sítios teriam a mesma função e em cada um deles um con-

junto similar de atividades teria se desenvolvido. Pesquisas nos sambaquis da Ilha da Boa Vista indicam que esses sítios, alinhados sobre um cordão arenoso a uma distância média de 475km um do outro, eram extremamente similares: eram o local de moradia, das atividades do cotidiano (como o preparo de artefatos e alimentação) e do cemitério. Cabe ressaltar que pelo menos três dos sambaquis estiveram ativos concomitantemente. Assim sendo, nessa região o sítio era o espaço privilegiado da sociabilidade, sendo abundantes os indícios de que se tratava de local de moradia.

Já no sul de Santa Catarina parece ter havido a especialização de certos espaços, como o sambaqui Jabuticabeira-II, que teve como função principal ser o cemitério da localidade. Os sítios em seu entorno, embora também tenham sido o local de destino de alguns mortos, não apresentam a mesma concentração de sepulturas. Por outro lado, o Jabuticabeira-II não revela indícios de ter sido o local de moradia de um grupo numeroso. Ele foi construído e obteve o seu volume principalmente em decorrência das atividades relacionadas com o ritual de sepultamento.

Ainda não se sabe como o Jabuticabeira-II articulava-se com outros sambaquis próximos, quais os critérios para o sepultamento em diferentes locais e se alguma área dele foi destinada, de fato, à moradia. Não se pode pensar que o Jabuticabeira-II era o cemitério de um segmento privilegiado, em função do

grande número de sepulturas ali encontradas (Figs. 12 e 13). Caso o princípio da hierarquia estivesse determinando o local onde os mortos seriam sepultados, é possível que as pessoas mais importantes continuassem sendo enterradas nos sambaquis das proximidades. Nossa pesquisa ainda está em fase inicial para que se possa efetivamente avançar nesse tema. Contudo, já é possível dizer que a organização social dos sambaquieiros da região de Laguna teve peculiaridades em comparação com os da Região dos Lagos. Os grandes sítios, a produção de esculturas e a criação de locais específicos para os mortos delineiam o desenvolvimento de características regionais.

Trata-se de diferentes processos de construção: ao passo que no Rio de Janeiro o ritmo rotineiro de acumulação dos restos faunísticos estava associado à alimentação, em Santa Catarina associa-se ao ritual funerário, o que remete a funções distintas para os sítios. No Rio de Janeiro, há uma associação entre o espaço de moradia e o local de sepultamento, enquanto em Santa Catarina parece ter havido uma especialização de alguns sítios como o *locus* do ritual funerário.

Outra característica que sobressai na comparação entre as duas regiões refere-se aos indícios de mudança social relacionada com o desenvolvimento do sistema sociocultural dos sambaquieiros. Nos sambaquis do Rio de Janeiro não parece ter havido mudança significativa nos costumes do grupo, ao passo que nos de Laguna pode-se perceber alteração no próprio proces-

so de construção do sítio. Por volta de 1.900 anos AP, o hábito de acumular conchas cessou, embora os outros materiais continuassem a ser depositados no sítio. O resultado dessa mudança de costume é uma matriz sedimentar de cor preta, rica em matéria orgânica, que se destaca no topo de alguns sambaquis e que contrasta com a matriz de conchas. O estudo da matriz escura está em andamento; investigamos não apenas a mudança temporal de hábitos, mas também a possibilidade de que esteja relacionada com áreas de função específica no interior do sambaqui. Na grande maioria dos locais investigados a terra escura encontra-se sobre a matriz de conchas, sendo, portanto, posterior em termos cronológicos. Mas, em outros locais, nas áreas limítrofes do sítio, está presente desde a base. Estruturas intactas, como elaborados sepultamentos, descartam qualquer interpretação relacionada com processos naturais; sua espessura, que em alguns pontos ultrapassa 2m, indica sua importância no processo de construção do sítio.

São aspectos regionais ou temporais do que caracterizei como uma "individualidade coletiva". Para se ter uma dimensão, os sambaquis da Ilha da Boa Vista começaram a ser construídos 3.740 ± 110 anos AP, enquanto as datas mais antigas provenientes do Jabuticabeira-II indicam que, por volta de 2.856 ± 75 anos AP, ele estava ativo. Trata-se de intervalo de mais de 800 anos, tempo suficiente para acomodar mudança social.

As mudanças sociais aqui mencionadas não são resultado apenas do próprio funcionamento do sistema sociocultural e da sua constante adaptação aos diferentes e dinâmicos ambientes; são também decorrentes da interação social com outras culturas que lhes eram contemporâneas. É possível que o contato com outros grupos tivesse levado os sambaquieiros de Santa Catarina a reforçar uma das características marcantes de sua identidade social — acumular restos faunísticos e construir sítios monumentais. Esta hipótese, porém, ainda precisa ser verificada, e estudos que contemplem a articulação entre diferentes sistemas socioculturais necessitam ser desenvolvidos.

É o contato com outras culturas que explica também a desestruturação da sociedade sambaquieira. Os estudos sugerem que inicialmente os sambaquis estabeleceram relações de troca com ceramistas do interior. É esse intercâmbio que explica a presença de vasos de cerâmica nos últimos níveis de ocupação de muitos sítios sem que tenha havido mudanças significativas em outros aspectos da vida social. Em um segundo momento, por volta do início da era cristã, os ceramistas, superiores tecnologicamente e em processo de expansão territorial, passaram a colonizar o litoral e, dessa forma, desestruturaram o sistema social que durante longo tempo havia sido soberano. Ceramistas que migraram para o litoral foram identificados como tradição Tupiguarani e Una, no Espírito

Santo e Rio de Janeiro; como Itararé, no Paraná e no norte e centro de Santa Catarina; e como Taquara, no sul de Santa Catarina e centro do Rio Grande do Sul. Considerando as características dos grupos que estavam na costa brasileira quando os europeus chegaram, os sambaquieiros devem ter sido incorporados ou eliminados. Trata-se de um tema que só pode ser apresentado em linhas gerais, já que não existe pesquisa sistemática sobre o assunto.

Ritual funerário

Volto-me para um tema que já está melhor estudado — o tratamento dado aos mortos. O estudo do Jabuticabeira-II, que é sobretudo um cemitério, informa sobre o ritual de sepultamento do grupo que o construiu. Áreas especiais do sítio foram estabelecidas como locais para os mortos, que se apresentam de forma agrupada. As covas eram pequenas e ovaladas, não tendo mais de 70cm de comprimento e 40cm de profundidade. Em geral, os corpos eram colocados em posição fetal e parecem ter sido fortemente atados por algum tipo de fardo para que ficassem extremamente fletidos. Alguns corpos estão tão dobrados que se suspeita mesmo que poderia ter havido processo de descarnamento, tendo sido mantidos os ligamentos que garantiram a permanência de articulações em posição anatômica.

Em algumas covas apenas um indivíduo é encontrado, ao passo que em outras há vários, ou partes de vários, indicando uma constante visitação de covas e manipulação dos corpos. Alguns ossos humanos eram escolhidos para acompanhar o recém-falecido, outros tomavam destino ainda incerto e outros ainda receberam especial atenção, tendo sido marcados com incisões. Vários objetos pessoais acompanhavam o morto: esculturas, colares feitos com pequenas contas de conchas de moluscos, pontas de osso, lâminas de machado, dentes de porco-do-mato, entre outros. Certamente, objetos que não se preservaram também integravam a parafernália ritual (Figs.12 e 13).

O fogo fazia parte do ritual de sepultamento, ao lado da cova ou em cima desta. A queima de madeira garantia a valorizada visibilidade para a cerimônia fúnebre. Devido à proximidade entre os sítios, a fumaça poderia ser percebida de outros sambaquis. Alguns corpos eram cobertos com grandes e pesadas pedras que chegam a pesar 10kg. Circundando as covas, uma grande quantidade de buracos de estacas são os únicos vestígios de uma estrutura de madeira que se decompôs; uma espécie de jirau circular cuja forma, ainda indefinida, demarcava o local onde estava o morto. Cobrindo covas e fogueiras, eram depositadas espessas camadas de ossos de peixe e conchas que parecem ser os vestígios de um festim fúnebre. Os restos faunísticos indicam a presença de elevações que atualmente

chegam a atingir 60cm de espessura e cobrem várias sepulturas.

O ritual funerário está intrinsecamente relacionado com o processo de crescimento do Jabuticabeira-II. O sítio é o resultado da repetição de cerimônias fúnebres durante mais de mil anos, que resultaram na acumulação de enorme quantidade de restos faunísticos. O sambaqui é um elemento obstrutivo da paisagem, em virtude do seu tamanho e configuração, e essa qualidade informa sobre a mensagem que os seus construtores queriam perpetuar. Os sucessivos eventos, diretamente relacionados com o processo de crescimento do sítio, informavam para os que compartilhavam o mesmo código cultural que aquele era o domínio dos sambaquieiros.

Os sepultamentos, embora sigam um determinado padrão, não são idênticos nem mesmo em um único sítio. É difícil estabelecer se o programa mortuário sofreu mudanças através do tempo, mas é certo que houve tratamento especial para certos indivíduos e que estas especificidades não se restringiam às diferenças de idade e de sexo.

É possível considerar que o programa mortuário remete à organização social dos sambaquieiros e que a presença de sepultamentos elaborados se refere à existência de desigualdade social. Certamente a pessoa que teve os seus ossos cobertos por corante vermelho ou que foi sepultada com várias esculturas de

pedra destacava-se devido ao seu prestígio social (ver croquis à p.19). O mesmo pode ser dito do elaborado sepultamento, proveniente da região de Laguna, atualmente exposto no Museu da Universidade Federal de Santa Catarina. Para receber o corpo foi confeccionada uma base de argila pintada com listras nas cores preta e vermelha, formando um intrincado e belo mosaico. Tal investimento na cerimônia funerária deve relacionar-se ao status pessoal e pode ter sido decorrência de habilidades, laços familiares ou poderes políticos. Também não se deve descartar as circunstâncias relacionadas com a morte ou com outros parâmetros ainda não desvendados.

Organização social: bando, tribo ou chefia?

A organização social trata da relação entre as pessoas, do acesso diferenciado a bens e informações, da composição, do tamanho e dos limites dos grupos humanos. Há uma forte tradição nas ciências sociais em investigar semelhanças, comparar sociedades e estudar as transformações das organizações sociais. Iniciada no final do século XIX por Tylor e Morgan e retomada no final da década de 50 e início da de 60 por Leslie White, Julian Steward, Marshall Sahlins, Elman Service e Morton Fried, essa tradição foi incorporada definitivamente pela arqueologia.

O neo-evolucionismo delineou o estudo de mudança social na arqueologia e pode-se dizer que foi a adesão a esta corrente de pensamento que levou a disciplina a realizar inferências sociais. A ampla aceitação dos esquemas neo-evolucionistas se deveu, em parte, ao fato de que estes se apoiavam em estágios tipologizados, os quais mantinham certa afinidade com a base da ordenação dos dados arqueológicos desde a criação do sistema das três idades sucessivas (pedra, bronze e ferro) proposto por Thomsen no começo do século XIX.

O sistema de classificação das sociedades proposto por Service as ordenou em bando, tribo, chefia e estado. Segundo Feinman (1996), nesse esquema, "bando" e "tribo" são considerados formas sociais igualitárias já que idade, gênero, experiência e habilidade são os principais eixos da desigualdade. "Bando" refere-se a sociedades pouco numerosas, com poucas centenas de caçadores nômades, que integram uma ampla e aberta rede compartilhada por grupos vizinhos. A liderança geralmente é individualizada e mutável, freqüentemente dependente de habilidade e carisma pessoal. Assim, não há poder institucionalizado e a divisão do trabalho baseia-se em idade e sexo. "Tribo" é maior que "bando" e envolve entre 2 e 3 mil pessoas, a economia baseando-se na agricultura e na domesticação de animais. Geralmente é um grupo sedentário e os seus limites abrangem várias comuni-

dades. Indivíduos e grupos domésticos estão ligados por laços de parentesco, vínculos relacionados com os clãs, entre outros.

Em contraste com as formas igualitárias, as "chefias" são estruturalmente hierarquizadas, com diferenças herdadas e acesso diferenciado a bens, informações e status. A liderança é atribuída ou herdada, o poder é institucionalizado e a sociedade tende a ser mais diferenciada. Há especialização econômica e certos grupos domésticos produzem mais artefatos ou bens agriculturáveis do que necessitam para sua própria subsistência. "Chefias" incluem 10 mil ou mais pessoas. O "estado" é mais diferenciado internamente do que "chefia". A população é estratificada em distintas classes econômicas, enquanto a estrutura governamental é mais hierarquizada, mais complexa e menos baseada nos laços de parentesco. Os líderes, reis, rainhas, apóiam-se na burocracia ou no poder militar para implementar e reforçar sua autoridade legal. O estado compreende maior número de pessoas e maior território do que a chefia.

São inúmeras as críticas ao esquema evolucionista, e arqueólogos e antropólogos freqüentemente estudam organizações sociais que não se adequam aos esquemas propostos. Os problemas encontrados pelas pesquisas etnográficas para encaixar a diversidade de sociedades em pequeno número de tipos foi um dos pontos de partida para as críticas ao pensamento ti-

pológico. Questiona-se também a própria idéia de evolução, fortemente apoiada na noção de progresso. Ao contrário do que propõe o pensamento tipológico, é possível que um tipo de sociedade nunca chegue ao subsequente, não podendo, portanto, ser considerada um "estágio" na trajetória de sociedades que realmente evoluíram em direção ao estado.

São abundantes os casos-limite que chamam atenção sobre o aspecto restritivo do esquema proposto. A primeira vez que pensei sobre a organização social dos sambaquieiros também referi-me a ela como um caso-limite, ou seja, considere que simplesmente enquadrá-la na categoria de bando não dava conta de sua organização social. Uma série de exceções freqüentemente mencionadas põe em xeque a validade do esquema. Entre elas estão os índios da costa noroeste dos Estados Unidos, que, devido à densidade demográfica e ao sedentarismo, apresentam ao mesmo tempo características que permitem identificá-los tanto como bandos quanto como sociedades tribais.

Se são tantas as exceções, cabe perguntar por que o sistema de classificação proposto pelos neo-evolucionistas é ainda um modelo que estrutura o pensamento arqueológico. Na realidade, os tipos ideais propostos por Elman R. Service fornecem um código que permite discutir diversidade cultural e estabelecer comparações entre sociedades distintas. Dessa forma,

permite o debate entre pesquisadores que estudam diferentes sociedades.

Nesses termos, cabe investigar como pode ser caracterizada a sociedade sambaquieira. Alguns arqueólogos já a definiram como bando ou macro-bando, tendo por elemento definidor o número de pessoas envolvidas na trama social e o tipo de ocupação. Com o avanço dos estudos e com o maior conhecimento sobre as sociedades, a densidade demográfica e o nomadismo deixaram de ser o suporte da definição de bando. Constata-se, por exemplo, que algumas sociedades, apesar de mais numerosas e sedentárias, podem ser melhor definidas segundo essa categoria. Nem mesmo a estreita relação que alguns autores pressupõem existir entre o modo de subsistência apoiado na caça e na coleta e o tipo de organização social serve de apoio para a definição, já que, em algumas regiões, essas atividades apresentam características que se assemelham à atividade agrícola e, mesmo, porque existem grupos que, apesar de terem agricultura, melhor se encaixam na categoria de bando.

As definições formuladas com mais acuidade centram-se na organização social, política e na relação com recursos, ou seja, na própria forma do sistema sociocultural. O limite entre sociedades simples e complexas é o surgimento de permanente hierarquia social — que, na maioria dos casos, conta com integração política supra-comunal e distintos padrões de

organização de trabalho, em que alguns indivíduos controlam o trabalho de não-parentes.

Como visto, os sambaquieiros desenvolveram um modo de vida sedentário, a alta densidade de sítios em determinadas áreas sugerindo intensificação demográfica. As especificidades dos locais de implantação de alguns sítios, as dimensões de alguns assentamentos e o tratamento diferenciado dos mortos apontam para uma sociedade com incipiente hierarquia social.

O estudo das práticas funerárias tem sido o caminho trilhado pelos arqueólogos à procura de evidências de status diferenciado. Os bens encontrados nas covas e o tratamento dos corpos têm sido considerados reflexo do papel do morto na sociedade; porém, tudo é um pouco mais complicado do que isso. Os mortos não enterram a si mesmos e funerais são frequentemente eventos políticos em que bens e poder são transferidos e negociados. Apesar de não haver uma correlação direta entre o tratamento dado ao morto e o seu prestígio em vida, podem ser identificados dois tipos de status: o obtido durante o desenrolar da vida, pertinente às categorias de sexo e de idade e que está associado às sociedades igualitárias; e o atribuído, que pode ser herdado e relaciona-se a sociedades mais complexas. Se a sociedade é igualitária, não é esperado que crianças tenham mais bens que adultos e que os objetos que acompanham o mor-

to não possam ser explicados segundo as atribuições de gênero.

O ritual funerário na sociedade sambaquieira, como já foi mostrado, comportava grande variabilidade, não só no que se refere ao tratamento do corpo como do acompanhamento funerário, e, assim, pode ser considerado um indício de desigualdade social. Isso levou pesquisadores a sugerir a existência de chefes na sociedade sambaquieira; porém não há evidências irrefutáveis que indiquem tratar-se de chefia institucionalizada. Pode-se no máximo pensar na presença de algum principal. O tema ainda não foi explorado em toda a sua potencialidade, mas, a julgar pelo sepultamento que contava com elaborada base de argila pintada, alguns jovens tinham tratamento especial que poderia ter sido herdado, sugerindo algum tipo mais ritualizado de diferenciação social.

As belas esculturas em pedra e osso sugerem que havia artesãos especializados em sua confecção, mas é preciso levar em conta que, para um sistema social que esteve ativo por mais de 5 mil anos, elas são tão poucas que é difícil pensar que havia nessa sociedade especialistas como um segmento social claramente definido. Por outro lado, a existência de um sistema de regras rígido para a sua confecção indica a presença de algum tipo de organização supra-comunal que permeava as relações sociais.

No que se refere à organização do trabalho, não há indícios irrefutáveis de controle da força de trabalho por uma elite. Apesar do aspecto monumental dos sambaquis, os sítios foram construídos paulatinamente durante longos períodos, processo associado, em alguns casos, ao acúmulo diário dos restos alimentares e, em outros, aos eventos fúnebres. Eram atividades rotineiras que poderiam ser organizadas no domínio doméstico sem que houvesse uma concentração de esforços regida por algum tipo de liderança.

Assim, não se pode dizer que a sociedade sambaqueira contasse com chefes institucionalizados, mas, por outro lado, a imagem dos sambaqueiros como um pequeno bando de coletores de moluscos está muito longe da realidade. Trata-se de uma sociedade muito mais complexa, capaz de executar grandes obras — como a construção dos próprios sítios —, que contava com artesãos que se aprimoraram na arte lítica e cuja trama social incluía número significativo de pessoas.

Ficou para trás a figura desenhada nos primórdios da arqueologia brasileira que representava os sambaqueiros como bandos simples de coletores na constante busca de bancos de moluscos, tentando escapar da fome e da má nutrição, “sofrendo no paraíso” — se for considerada a extraordinária produtividade e riqueza de recursos disponíveis na costa brasileira.

Diferente do que tem acontecido com a arqueologia — que parece fascinada com esse tipo de classificação que sequer permite que a diversidade social seja contemplada —, é mais interessante explicar por que uma determinada sociedade se tornou mais diferenciada e complexa do que outra. O empenho da disciplina deve se voltar para estabelecer os processos histórico-sociais que implementaram mudanças sociais. No caso da sociedade sambaqueira, cabe entender os processos de manutenção de um longo sistema sociocultural. Trata-se de uma mudança de perspectiva que virá permitir a caracterização dessa sociedade pré-histórica, muito embora ainda seja necessário o desenvolvimento de projetos de longa duração, que contem com vários especialistas, para que sejam estabelecidos os caminhos percorridos pelos senhores do litoral brasileiro.

Cronologia

1834 O cientista dinamarquês Peter Wilhelm Lund fixa residência em Lagoa Santa, Minas Gerais. Em suas pesquisas, encontra ossos humanos associados à fauna extinta, levantando a suspeita de uma antigüidade, na época inimaginável para a humanidade, e iniciando o debate sobre a ocupação do território brasileiro.

1876 Carlos Frederico Rath entrega uma detalhada descrição dos sambaquis a D. Pedro II, que posteriormente visita as escavações realizadas em Santos, São Paulo. Nesse mesmo ano, Ladisláu Netto empreende uma reforma no Museu Nacional, e a Instituição passa a incluir a arqueologia como um de seus temas de estudo. Ladisláu Netto era defensor da corrente artificialista e, mais tarde, enviou Carlos Wiener e E. Roquete Pinto para estudar os sambaquis do sul do Brasil.

1895 Inaugurado o Museu Paulista, tendo Hermann von Ihering como primeiro diretor. Este dedica-se principalmente ao estudo dos sambaquis, defendendo arduamente a idéia de formação natural dos sítios.

1908 Ricardo Krone publica *Informações etnográficas sobre o vale do Ribeira*, livro que antecipa uma série de questões importantes para o estudo dos sambaquis.

1938 Othon Henry Leonardos, com a publicação de *Cocheiros naturais e sambaquis*, estabelece definitivamente que os sambaquis são o resultado de ação humana.

década de 1950 Importantes escavações, com destaque especial para os trabalhos de Castro Faria e Guilherme Tiburtius, Paulo Duarte e Paul Rivet. Em 1954, Joseph Emperaire chega ao Brasil e começa a escavar o sambaqui de Maratuá, Ilha de Santo Amaro. Trata-se do primeiro sítio datado através do método de C₁₄ do país.

1961 Após três décadas de militância por parte da intelectualidade brasileira, é sancionada a lei 3.924, de 26 de julho de 1961, que protege o patrimônio arqueológico nacional. A preservação dos grandes sambaquis de Santa Catarina é assegurada pela constante vigilância de João Alfredo Rohr.

1962 Na Universidade do Paraná, Annette Laming-Emperaire ministra curso que apresenta métodos de campo e laboratório aplicáveis aos sambaquis.

1965 Criado o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, sob a coordenação de Clifford Evans e Betty Meggers. Os sítios cerâmicos recebem especial atenção, outros temas são enfatizados, e a pesquisa em sambaqui passa para segundo plano.

1978 André Prous publica uma interessante análise das esculturas feitas pelos sambaquieiros.

1980 Criada a Sociedade de Arqueologia Brasileira.

década de 1990 Retomado o interesse pelo estudo dos sambaquis, sendo defendidas várias teses que abordam novas questões relacionadas com o modo de vida dos sambaquieiros. Em 1991 são publicados dois importantes livros: *Arqueologia brasileira*, de André Prous, e *História da arqueologia brasileira*, de Alfredo Mendonça de Souza.

1999 Publicado *Pré-história da Terra Brasilis*, organizado por Maria Cristina Tenório, que, em linguagem acessível, apresenta vários artigos sobre sambaqui.

Referências e fontes

- ARNOLD, Jeanne E. "Understanding the evolution of intermediate societies". In ARNOLD, J.E. (org.), *Emergent Complexity*, Archaeological Series 9, Ann Arbor, 1996, p.1-12.
- BARTH, F. *Ethnic Groups and Boundaries*. Bergen-Oslo, Universitets Forlaget, 1969.
- CARVALHO, E.T. "Estudo arqueológico do sítio Corondó – Missão 1978". *Bol. Inst. Arqueol. Brasil*, Sér. Monografias (2):1-243, Rio de Janeiro, 1984.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.M. "Parecer sobre os critérios de identidade étnica". In *Antropologia do Brasil*, São Paulo, Brasiliense/Edusp, 1983, p.81-98.
- CHAPMAN, R.D., "Problems of scale in the emergence complexity". In ARNOLD, J.E. (org.), *Emergent Complexity*. International, Archaeological Series 9, Ann Arbor, 1996, p.35-49.
- DE BLASIS, P., FISH, S.K., FISH, P.R., GASPAR, M.D. "Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brasil". *American Archaeology Review* (no prelo).
- DUARTE, P. "O sambaqui visto através de alguns sambaquis". *Ciê. Cult.* 19(4):643-5, São Paulo, 1967.
- FARIA, L.C. "A arte animalista dos paleoameríndios do litoral do Brasil". *Publicações Avulsas* 24, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1959.

- FEINMAN, G.M. "Social organization". In FAGAN, B.M. (org.), *The Oxford Companion to Archaeology*, Oxford, Oxford University Press, 1996, p.659-61.
- FISH, S.K., DE BLASIS, P., GASPAR, M.D., FISH, P. Incremental events in the construction of sambaquis, Southeastern Santa Catarina (mimeo).
- GASPAR, M.D. "Zoolitos, pejes y moluscos, cultura material y identidad social". *Artesanías de América* (47):80-96, Equador, 1995.
- IHERING, H.V. "As origens dos sambaquis". *Rev. Inst. Hist. Geogr. São Paulo* 8:446-57, São Paulo, 1903.
- KNEIP, L.M. Sambaqui do Forte: Identificação espacial das atividades humanas e suas implicações (Cabo Frio, RJ, Brasil). Dissertação de mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1974.
- KRONE, R. "Exploração ao rio Ribeira do Iguape. Informações etnográficas do Vale do Rio Ribeira de Iguape", *Bol. Comis. Geog. São Paulo* 24:23-34, São Paulo, 1908.
- MACHADO, L.C. "Método de reconstituição paleodemográfica: o exemplo do sítio Corondó, RJ". *Rev. Arqueol.* 6:120-36, São Paulo, 1991.
- MASCHNER, H.D.G. "Ranking and social inequality". In FAGAN, B.M. (org.), *The Oxford Companion to Archaeology*, Oxford, Oxford University Press, 1996, p.587-8.
- MAUSS, M. "Ensaio sobre as variações sanzoneiras das sociedades esquimó". In *Antropologia e sociologia*, São Paulo, Edusp, 1974, p.237-331.
- PEARSON, M.P. "Mortuary analysis". In FAGAN, B.M. (org.), *The Oxford Companion to Archaeology*, Oxford, Oxford University Press, 1996, p.480-1.

- PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília, Ed. UNB, 1992.
- RAUTH, J.W. *O sambaqui de Saquarema, S-10.B Paraná-Brasil*. Curitiba, Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná/Imprensa UFPR, 1962.
- ROOSEVELT, A., HOUSLEY, R.A., IMAZIO, M. et al. "Eighth millennium from a Prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon". *Science* 254(5038):1621-4, Washington, 1991.
- SANTOS, R.V. "Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX". In MAIO, M.C & SANTOS, R.V. (orgs.), *Raça, ciência e sociedade*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 1996, p.125-40.
- SEYFERRTH, G. "A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda". *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol.XXX, 1985, p.81-98.
- SERVICE, E.R. *Os caçadores*, Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
- SCHEEL-YBERT, R. Stabilité de l'écosystème sur le littoral Sud-Est du Brésil à l'Holocène Supérieur (5500-1400 ans BP). Les pêcheurs-cueilleurs-chasseurs et le milieu végétal: apports de l'anthracologie. Tese de doutorado. Montpellier, Univ. Montpellier II, França, 1999.
- TENÓRIO, M.C. (org.) *Pré-história da Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.
- TURNER, C.G. & MACHADO, L.C. "A new dental ware pattern and evidence for high carbohydrate consumption in a Brazilian arcaic skeletal population". *Am. Jour. Phy. Anthr.* 61:125-30, York, 1983.
- YOFEE, N. "Teoria sócio evolucionista e seus descontentes". In FAGAN, B.M. (org.), *VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Porto Alegre, Edipucrs, 1995, p.107-26.
- WIENER, C. "Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil". *Arq. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 1876, 1:1-20.

Sugestões de leitura

Caso você queira saber mais sobre o processo de colonização pré-histórica do território brasileiro, recomendo os seguintes livros:

- *Pré-história da Terra Brasilis*, organizado por Maria Cristina Tenório e publicado pela Editora UFRJ em 1999. Vários arqueólogos apresentam os últimos resultados de suas pesquisas em linguagem clara e acessível. Muito bem ilustrado, mostra a diversidade cultural de nosso passado.
- *Pré-história do nordeste do Brasil*, de autoria de Gabriela Martin e publicado pela Editora da UFPE, em 1996. A autora faz uma interessante síntese dos estudos realizados no nordeste brasileiro e apresenta as datações mais antigas do Brasil.
- *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*, organizado por Arno Kern e publicado pela editora Mercado Aberto em 1991. Vários autores apresentam informações sobre os dez milênios da pré-história regional. Os curiosos vão gostar de ler sobre caçadores do pampa, casas subterrâneas e ceramistas que migraram da Amazônia.

- *Arqueologia brasileira*, de autoria de André Prous e publicado pela Editora da UNB em 1991. O autor sintetiza informações bibliográficas sobre o processo de colonização do território brasileiro; trata-se de livro de consulta para todos os arqueólogos.
- *Exposição*: A sala de arqueologia brasileira do Museu Nacional (RJ) expõe os principais artefatos produzidos pelos sambaquieiros.

Agradecimentos

Muitos ajudaram na confecção deste livro. As arqueólogas Maria Cristina Tenório, Angela Buarque, Débora Barbosa e Márcia Barboza auxiliaram nos aspectos científicos; os amigos Rejane Araújo, Renata Bernardes, Celso Castro e José Fonseca, recém-iniciados nos segredos da pré-história brasileira, apontaram caminhos para tornar um produto da academia mais atraente para o leitor. Foi apoiada nas sugestões dessas pessoas que construí este artefato. Agradeço a todos.

Agradeço ainda as seguintes instituições que apóiam meus trabalhos no litoral do Brasil: o CNPq sempre apoiou-me com bolsas de pesquisa e financiou o projeto "Estudo e cadastro dos testemunhos pré-históricos dos pescadores ribeirinhos e costeiros"; a Finep apóia o projeto "O aproveitamento ambiental das populações pré-históricas do Rio de Janeiro", que coordeno junto com Maria Cristina Tenório; a Heinz Foundation, a Wenner-Gren Foundation for Archaeological Research, a UFRJ, a Fapesp, a Pró-Reitoria da USP e o IPHAN de Santa Catarina financiam a pesquisa no litoral de Santa Catarina através do projeto "Padrão de assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina", que desenvolvo junto com Paulo de Blasis e Suzanne e Paul Fish.

Sobre a autora

MaDu Gaspar é formada em ciências sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), cursou o mestrado no Programa Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional/UFRJ, fez doutorado em arqueologia na Universidade de São Paulo (USP) e completou sua formação com o pós-doutorado na Universidade do Arizona, EUA. É professora do Museu Nacional do Rio de Janeiro e, atualmente, ministra disciplinas de arqueologia na graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ) e no curso de Especialização em Geologia do Quaternário, no Museu Nacional.

É autora de *Garotas de programa*, um estudo sobre a prostituição em Copacabana, e *A arte rupestre no Brasil*, que apresenta um panorama da arte rupestre brasileira no espaço e no tempo. Ambos os livros foram publicados por esta editora. É com o apoio do CNPq e da Faperj que investiga os indicadores de hierarquia social e a construção de gênero na sociedade sambaquieira. Dedica-se também ao estudo de vários outros temas, como arte rupestre e história da pesquisa arqueológica no Brasil.

Coleção Descobrindo o Brasil

direção: Celso Castro

ALGUNS VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro
Madu Gaspar

A arte rupestre no Brasil
Madu Gaspar

Os índios antes do Brasil
Carlos Fausto

O Brasil no Império português
Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo

O nascimento da imprensa brasileira
Isabel Lustosa

O período das Regências (1831-1840)
Marco Morel

O Império em procissão
Lília Moritz Schwarcz

Escravidão e cidadania no Brasil monárquico
Hebe Maria Mattos

A fotografia no Império
Pedro Karp Vasquez

A Proclamação da República
Celso Castro

Código Civil e cidadania
Keila Grinberg

Processo penal e cidadania
Paula Bajer

O Brasil dos imigrantes
Lucia Lippi Oliveira

O movimento operário na Primeira República
Claudio Batalha

A invenção do Exército brasileiro
Celso Castro

O pensamento nacionalista autoritário
Boris Fausto

Modernismo e música brasileira
Elizabeth Travassos

Os intelectuais da educação
Helena Bomeny

Cidadania e direitos do trabalho
Angela de Castro Gomes

O Estado Novo
Maria Celina D'Araujo

O sindicalismo brasileiro após 1930
Marcelo Badaró Mattos

Partidos políticos no Brasil (1945-2000)
Rogério Schmitt

A Era do Rádio
Lia Calabre

Da Bossa Nova à Tropicália
Santuza Cambraia Naves

Ditadura militar, esquerdas e sociedade
Daniel Aarão Reis

O mundo psi no Brasil
Jane Russo

A modernização da imprensa (1970-2000)
Alzira Alves de Abreu

Política externa e meio ambiente
Lilian C.B. Duarte

História do voto no Brasil
Jairo Nicolau

Como falam os brasileiros
Yonne Leite e Dinah Callou

As formas do espaço brasileiro
Pedro Geiger